

ISTO É

Edição 1 - 5/9/25

A SEMANA



*Bolsonaro no primeiro
dia de julgamento:
ex-presidente à espera
de definições para seu
futuro político e penal*

O CERCO SE FECHA

Iniciado o julgamento de Jair Bolsonaro, seus advogados buscam desvincular o ex-presidente da tentativa de golpe enquanto aliados políticos se articulam em torno de uma anistia para livrá-lo da prisão

ISTO É
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

Uma nova IstoÉ para um novo leitor

A edição digital da IstoÉ – A semana, que chega agora às mãos de nossos leitores, é resultado de uma profunda análise sobre a evolução da comunicação e as demandas do público. A publicação foi concebida para atender a dois desafios identificados pela IstoÉ Publicações, empresa fundada em maio de 2023 responsável pelos sites da marca e plataformas digitais do grupo. O primeiro desafio é oferecer aos leitores um conteúdo mais contextualizado e aprofundado, que vá além do noticiário fragmentado e instantâneo consumido diariamente. Para cumprir essa missão, a revista em formato digital se



O conteúdo é produzido a partir de reportagens da equipe da IstoÉ

apresenta como o veículo ideal para o jornalismo crítico e analítico, proporcionando uma visão mais completa dos fatos.

O segundo desafio é entregar um produto jornalístico que integre as mais inovadoras técnicas e ferramentas digitais. A nova revista opera como um

ponto de convergência de nosso conteúdo digital, reunindo reportagens com o que existe de mais relevante das cerca de 2.000 matérias publicadas semanalmente nos sites do grupo e transformando-o em uma edição concisa, com mais de 40 páginas.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Índice

FOTO DA CAPA: LUIS NOVA/AP

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 13 ECONOMIA
- 17 INTERNACIONAL
- 23 TECNOLOGIA
- 25 SAÚDE
- 27 CIÊNCIA
- 29 GENTE
- 31 ESPORTE
- 33 ESTILO DE VIDA
- 36 ENTRETENIMENTO
- 40 OBITUÁRIO
- 42 O MELHOR DAS REDES
- 43 PALAVRA POR PALAVRA



SERGIO LIMA/VP

Bolsonaro no primeiro dia do julgamento



REPRODUÇÃO

Bonner anunciou ao vivo que deixará o JN



RICARDO STUCKERT

Mino Carta, um dos criadores da IstoÉ

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL:

Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA EXECUTIVA: Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann

DESIGNER: Mayara Novais

DIRETOR DE MERCADO LEITOR E

LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoé.com.br

Instagram: @revistaistoe

YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE

X: @revistaISTOE

TikTok: @revistaistoe

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/company/istoel/>

Redação e correspondência: Rua Iguatemi, 192, 18º andar, CEP 01451-010, Itaim Bibi, São Paulo, SP

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



Lisboa: o problema não é o Estado intervir, mas como intervém

Em um vídeo famoso, você aborda problemas derivados de um Estado que salvou muita empresa ineficiente e de distorções no sistema tributário. Isso é algo crônico, que exigirá uma mudança política a longo prazo, ou conseguiremos resolver com medidas concretas de curto e médio prazo?

Há um fenômeno muito latino-americano que é a falsa polarização entre ter uma agenda liberal e defender que o Estado é relevante para a economia. O problema não é o Estado intervir, mas como ele intervém. A maneira como as políticas públicas, as instituições e as regras tributárias são desenhadas faz toda a diferença. Temos de sair da polarização Estado versus mercado. Nesse cenário, quem faz a festa são os grupos de interesse. Aí, temos os liberais e os desenvolvimentistas, que se juntam a setores atrasados da economia, e fica uma distribuição de benefícios sem avaliação de impacto, sem entender políticas semelhantes feitas em outros países. O que acaba acontecendo é uma grande captura do Estado por grupos de interesse.

A reforma tributária sanou esses problemas, agravou ou resolveu apenas em parte?

Ter um sistema tributário pior que o brasileiro era difícil. Tecnicamente, nossa tributação era incrivelmente mal desenhada, com distorções disseminadas e páginas e mais páginas de isenções e alíquotas reduzidas para grupos de interesse. Então, ficar pior do que estava era difícil. Falta uma cultura técnica sobre tributação no Brasil. O debate da reforma mostrou isso. A reforma ficou boa como poderia ter sido? Não. Ficou longe. Entre a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) original e o que foi aprovado, foi uma entrega de anéis para não entregar as mãos. O sistema é melhor do que antes? Sim, não tem comparação. Mas a lei ficou complexa, confusa, com muitas exceções e casos particulares. Para variar, os lobistas de grupos de interesse se organizaram. Os regimes especiais continuam fortes no Brasil, para gratidão dos lobbies e para prejuízo do país.

Menos lobby, mais produtividade

“O jogo no Brasil é pedir favor oficial”, critica o economista Marcos Lisboa, apontando como a pressão de lobistas e a falta de governança minam o desenvolvimento do país

Ex-presidente do Insper e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda entre 2003 e 2005, no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o economista Marcos Lisboa é conhecido pelo rigor técnico e pela defesa da responsabilidade fiscal. Ele analisa o papel do Estado

e a reforma tributária, que “ficou longe de ser boa”, e destaca distorções que fazem com que um profissional liberal com ganhos milionários pague menos imposto do que um pensionista. E afirma que as empresas investem mais em lobbies do que em inovação.

Eduardo Vargas

Recentemente, ouvimos executivos da indústria do aço preocupados com a “inundação de aço chinês”, pedindo medidas de proteção para evitar a perda de empregos. Esse anseio por políticas até de antidumping é uma forma de captura de interesses do Estado?

Sim. A agenda de produtividade é uma agenda de inovação, que começa com formação de gente, capital humano, tecnologia. É com isso que se consegue inovar. Os países não são bons em tudo; eles constroem vantagens competitivas ao longo do tempo, em função de sua história, de suas políticas públicas. É necessário construir essa vantagem. Tecnologia, conhecimento, gestão, capacidade de acompanhar o mercado são fundamentais para isso. O país ficou no sonho da ditadura militar, de que “vamos fazer no Brasil tudo que puder ser feito no Brasil”. O resultado é muita coisa malfeita e o país mais pobre e menos produtivo. A tributação sobre a renda também é mal desenhada. Cálculos na superficialidade de discutir se dividendo paga ou não imposto. O problema de dividendos no Brasil é muito mais complicado. O lucro de empresas grandes (lucro real) paga bastante imposto. Já o de empresas médias e pequenas, do Simples e lucro presumido, paga pouco. E o dividendo é isento. Só que você pode ter um acionista muito rico de uma empresa média que quase não paga imposto, enquanto um pequeno acionista de uma empresa grande, como um pensionista de um fundo de pensão, é tributado como um bilionário. Profissionais liberais que ganham R\$ 20 milhões por ano pagam muito menos imposto do que ele. As distorções são sutis, mas “entrar no detalhe” as pessoas não querem. Elas preferem a narrativa superficial do “nós contra eles”. Querem jogar para a torcida. O que vai resultar disso é mais uma reforma mal desenhada da qual nos arrependemos em alguns anos.

As pessoas parecem ter dificuldade em entender as faixas de renda e o

que significa ser classe média, o que leva a políticas públicas que erram o alvo. Como vê isso?

Primeiro, há o choque de realidade de que o Brasil é um país pobre. Se você ganha mais de R\$ 30 mil por mês, está no 1% mais rico. Segundo, há uma

“A agenda de produtividade é uma agenda de inovação, que começa com formação de gente, capital humano, tecnologia. Os países constroem vantagens competitivas ao longo do tempo, em função de sua história, de suas políticas públicas”

confusão entre o conceito estatístico de renda média e o sociológico de “classe média”, aquele do filme americano. Para ter aquele padrão, você provavelmente está nos 2% mais ricos do Brasil. O problema não é definir a faixa de renda. O problema é que, se o sistema não for tecnicamente bem desenhado, você vai ter um sujeito ganhando R\$ 100 mil e pagando seus impostos, e outro ganhando R\$ 5 milhões que pagará muito menos. Não basta o desejo de justiça, é preciso saber como implementá-la.

A recente alteração na isenção do Imposto de Renda, que subiu o limite, foi mal desenhada?

É muito mal desenhada. Ela nem começa a entrar no problema. A impressão é que a motivação era atingir os dividendos de quem paga pouco imposto, como no Simples, mas, por não enfrentar a complexidade técnica, a proposta falha. Vamos separar os problemas. Primeiro, a sociedade define qual alíquota quer para cada faixa de renda. Depois, vamos discutir tecnicamente como colocar a regra de pé.

Falando em políticas públicas, parece que não mensuramos sua eficácia, como na indústria naval, que recebe incentivos e fracassa repetidamente. Por que não aprendemos com os erros?

Não temos agenda de avaliação no Brasil. Há uma ilusão de que desenvolver o país é pegar dinheiro público, dar a um empresário para ele produzir aqui o que era importado, e o país ficará rico. Não é assim. Setores que deram certo no Brasil, como o agronegócio, tiveram apoio do Estado, mas foi um apoio bem desenhado, focado em tecnologia e formação de gente. A Embraer só existiu porque, 20 anos antes, foi criado o ITA, em parceria com o MIT, para formar capital humano na fronteira do conhecimento. O desenvolvimento exige investimento em gente, ciência, tecnologia e integração com o mundo.

A solução é ter mais rigor técnico, analisar o que deu certo e replicar?

É muito mais que isso. É preciso ter conhecimento na fronteira da tecnologia e capacidade de acompanhar essa fronteira. É preciso formar gente. Essas pessoas bem formadas vão empreender e tentar coisas. Muitas vão fracassar. Não se sabe de antemão o que vai dar certo. Quem diria que a soja daria certo em Goiás? Foi preciso investir na Embrapa. Essa é uma concepção de desenvolvimento que não exclui o Estado. Ele tem papel importante e não apenas para a formação de gente. As instituições de controle associadas a esses processos são fundamentais porque é fácil o Estado ser capturado por grupos de interesse. Não falo só de órgãos reguladores. Quem avalia a política? Quem decide? Como se criam mecanismos para reduzir as chances daquele órgão público ser capturado por interesses privados? Esse é um tema no mundo. Acontece algo com frequência, quando o Estado quer promover um setor. Ele dá benefícios e proteção, mas o setor não se desenvolve e ele responde: “se abrir a economia agora e acabar o subsídio, vou quebrar e gerar desemprego”. Você é chantageado pelo setor que fracassou. Daí, não se consegue romper esse ciclo. Ele fica perene.

A ausência de governança em políticas públicas, somada à concepção de “poxa, a gente vai ser



LEONARDO MONTEIRO

melhor se despejar uma cifra aqui”, é um problema cultural?

Não é. Esse processo não é simples no mundo. É aprendizado contínuo. Existem princípios gerais e uma adaptação dos desenhos institucionais, da legislação, da atuação do setor público. Isso se atualiza com a experiência. É preciso ter mecanismos de controle e de avaliação para reconhecer o fracasso, o que é difícil. As pessoas têm dificuldades de reconhecer o fracasso. Como você mede o que deu certo? Toda essa sofisticação tem uma dinâmica. Vou voltar atrás. Na economia você tem regras estabelecidas, instituições, maneiras como as coisas funcionam. As pessoas e as empresas têm a percepção dessas regras. Elas têm expectativas sobre o que vai acontecer em função das suas ações e das práticas existentes. E o que acontece de fato tem de ser consistente com as crenças. No Brasil, existe a ideia de que, se a pessoa for a Brasília várias vezes, pedir uma proteção para seu setor, um certo número de vezes irá conseguir. A gente tem no Brasil uma herança, que é uma combinação de um Estado com muito poder, pouca governança, pouca checagem sobre o que acontece. É um estado com mui-

ta capacidade de conceder benefícios, sem avaliação adequada de resultados, sem mecanismos de controle, com baixa concorrência. O setor privado se acostuma com isso e faz parte desse jogo. Então, o jogo no Brasil é pedir favor oficial. “Ah, quero mais desoneração na folha. Quero proteção contra a concorrência que vem da China”. O Estado tem muito poder discricionário, concede e, com isso, cria-se uma situação consistente em que as empresas investem mais em lobby do que em produtividade. O país não olha para o que está sendo feito fora, não acompanha as novidades da tecnologia e, por isso, fica mais pobre. O Brasil inteiro é assim? Não. O agro não é assim, nem a ciência da computação, a medicina da USP. Mas o vetor dominante no Brasil é esse.

O debate sobre privatizar ou não estatais como os Correios parece interminável. Onde o Estado brasileiro deveria ser mais presente e onde deveria ser mais ausente?

Essa discussão nem deveria estar acontecendo se tivéssemos boa governança. A falta de avaliação e a polarização ideológica impedem um debate racional. Em vez de discutir se privatizamos

ou não, deveríamos começar pelo objetivo da política. No saneamento, por exemplo, o objetivo é ter água potável e esgoto tratado para todos a um preço razoável. A partir daí, estudamos como o resto do mundo faz, quais são os casos de sucesso e fracasso, e desenhamos a melhor solução para o Brasil, seja ela com empresa estatal ou privada. Eu não tenho paixão pelo meio, quero o resultado: saneamento que funcione.

Quando se fala em cortar despesas, o foco muitas vezes recai sobre políticas sociais como o Bolsa Família. Essa discussão é feita da maneira correta?

Está totalmente torta. Existem imensos problemas fiscais no governo que não têm a ver com a área social, como subsídios e gastos tributários para o setor privado. É preciso melhorar a gestão das políticas, incluindo o Bolsa Família, que foi enfraquecido por decisões erradas. O que acontece é que se joga a cortina de fumaça do gasto social. Aí, a direita diz que o problema é o desperdício, e a esquerda alega que é um ataque aos pobres. Essa polarização permite que o patrimonialismo continue na sombra, nos conduzindo ao penhasco

A sensação, principalmente para o investidor estrangeiro, é que não há uma blindagem. A cada eleição, tudo pode mudar. Como podemos construir um Estado mais linear, menos sujeito aos mandatos?

Isso que estou falando é governança. Governança é ter agências fortes, com técnicos de primeira linha, com mandato claro, e que o Estado cumpra a lei. A Lei das Estatais diz que, se o governo quiser usar uma estatal para fazer política pública, ele tem de subsidiar com dinheiro do Tesouro, não pode forçar a empresa a arcar com o prejuízo. O problema é que há uma tradição autoritária no Brasil, tanto na esquerda quanto na direita, que não quer se submeter à governança. O político quer poder mandar no Banco Central, na Petrobras, no orçamento. A boa política pública é como Ulisses (herói mitológico grego), que se amarra ao mastro para não ceder às tentações. Boa governança significa que todo mundo terá menos poder, e isso tornará o país mais rico. ■



As 24 horas que antecederam o início do julgamento foram particularmente penosas para Jair Bolsonaro

Futuro em jogo

O início do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no STF desencadeou uma frenética articulação para livrá-lo da prisão e pavimentar o caminho para a direita em 2026

Os primeiros dois dias de julgamento da tentativa de golpe provocaram reações e sentimentos contraditórios no ex-presidente Jair Bolsonaro. Segundo os relatos de apoiadores e aliados, o ex-mandatário detido em prisão domiciliar chegou à terça, dia 2, deprimido e preocupado. Seus advogados já haviam recomendado o não comparecimento ao plenário da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal em virtude de sua condição de saúde e situação psicológica. As 24 horas que antecederam a reunião foram particularmente penosas.

Bolsonaro foi acometido por crises de soluços, mal que costuma lhe provocar vômitos e indisposição, e recebeu visitas do deputado federal Arthur Lira (PP-AL) e da ex-ministra e senadora Damares Alves (Republicanos-DF), ao lado de quem rezou. No dia do julgamento em si, Bolsonaro esteve acompanhado da mulher Michele e dos filhos Flavio e Carlos. Pouco antes do meio-dia, surgiu à entrada da casa, ocasião em que foi registrada a imagem que ilustra a abertura dessa reportagem. Àquela altura, o ministro Alexandre de Moraes, relator do caso, já tinha feito a

leitura do resumo do processo e o Procurador-Geral da República, Paulo Gonet, já havia apresentado a acusação e pedido a condenação dos réus do chamado núcleo central da trama golpista. No dia seguinte, o desempenho dos defensores que o representam na ação penal da tentativa de golpe de Estado animou o ex-presidente. O advogado Celso Vilardi insistiu em sua sustentação oral que a defesa do ex-presidente não teve acesso à íntegra das provas do processo. “Estamos falando de uma sucessão de investigações com diversas buscas. Temos um conjunto de provas apreendidas que ficou à disposição por anos com a PF, que tem um sistema para fazer pesquisa, tem os meios técnicos para buscar por conversa, por palavra, por tema”, declarou o advogado. “Pedimos essa prova. Ela não veio antes do recebimento da denúncia, vossas excelências determinaram que ela tinha de vir depois”, argumentou.

Vilardi disse ainda que o acesso às provas começou poucos dias antes do início da instrução processual, fase em que as provas são analisadas, como depoimentos de testemunhas, documentos e perícias. Disse que foram “bilhões” de documentos e com um prazo de apenas 15 dias para a instrução.

Segundo o advogado, havia especial interesse a prova do general Mário Fernandes, em função da Operação Punhal Verde e Amarelo, em que teria sido tramados os assassinatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do ministro Alexandre de Moraes. “Recebemos so material, muito material, 70 teras (terabytes). Quando estamos terminando, recebemos e-mail dizen-



Alexandre de Moraes fez a leitura do processo no primeiro dia do julgamento

FABIO RODRIGUES/POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

do que tinha uma falha no arquivo do general Mário Fernandes. Aí, já tinha acabado a fase de instrução. Nós agravamos, mas agravos não foram processados. Fiz questão de ordem, houve entendimento por parte dos ministros de que isso não é prova, porque não está nos autos”, disse Vilardi. “Com todo o respeito, a prova é da defesa. O juízo de valor sobre a prova é de vossas excelências. A defesa tem o direito de colocar o contexto da prova”, completou.

Segundo o advogado, não houve “paridade de armas”. Ele afirmou ainda que não cabe à Polícia Federal, ao Ministério Público ou ao Judiciário decidir que tipo de provas a defesa de um acusado tem direito a ver ou não.

“Não tivemos acesso à prova e muito menos prazo suficiente. Não houve paridade de armas, não tivemos o tempo que o MP e a PF tiveram. Não tivemos acesso à prova durante a instrução. Com 34 anos, é a primeira vez que venho à tribuna para dizer que não conheço a íntegra do processo. O conjunto da prova eu não conheço”, afirmou.

O segundo advogado de Bolsonaro, Paulo Cunha Bueno comparou o julgamento ao célebre “caso Dreyfus”, ocorrido no fim do século 19, na França.

Com a menção defendeu a anulação da condenação de Bolsonaro por supostamente divulgar informações sigilosas da Polícia Federal (PF). O argumento central é que, assim como o militar Alfred Dreyfus foi vítima de um erro judicial, seu cliente estaria enfrentando um processo sem as garantias de um julgamento justo, em uma tese que reforça a ideia de perseguição política.

Provas forjadas

O Caso Dreyfus se desenrolou entre 1894 e 1906, na França, e se tornou um dos maiores escândalos políticos do país. Dreyfus, um capitão judeu do exército francês, foi falsamente acusado de traição por supostamente entregar documentos militares à Alemanha. Apesar de ter se declarado inocente, Dreyfus foi condenado à prisão perpétua e enviado para a Ilha do Diabo, uma colônia penal na Guiana Francesa. A condenação, motivada por um forte sentimento antisemita e nacionalista, foi baseada em provas forjadas e rumores. O caso dividiu a França, opondo aqueles que defendiam a inocência do militar e os que, por motivos políticos e ideológicos, insistiam em sua culpa. Após anos de batalha legal e política,

Quem é quem no núcleo central da trama golpista

O chamado “núcleo 1” da investigação da Polícia Federal (PF) é composto por oito nomes:

- **Jair Bolsonaro (ex-presidente):** Apontado pela PF como o líder e principal beneficiário do esquema. Teria convocado e presidido reuniões para discutir a “minuta do golpe” e sondado a adesão dos Comandantes das Forças Armadas ao plano.
- **Walter Braga Netto (general e ex-ministro):** Candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro em 2022. Considerado um dos principais articuladores e o suposto elo entre a ala política e a ala militar. É acusado de pressionar militares e financiar atos antidemocráticos.
- **Augusto Heleno (general e ex-ministro do GSI):** Chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), órgão de inteligência do Palácio do Planalto. Teria participado da elaboração de planos e do monitoramento de autoridades para viabilizar o golpe.
- **Anderson Torres (ex-ministro da Justiça):** Em sua residência, a PF encontrou a “minuta do golpe”, um rascunho de um decreto para instaurar um Estado de Defesa no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e reverter o resultado da eleição.
- **Paulo Sérgio Nogueira (general e ex-ministro da Defesa):** Seu envolvimento é investigado por supostamente ter atuado para que as Forças Armadas endossassem as teses golpistas, pressionando por um relatório ambíguo sobre as urnas eletrônicas.
- **Almir Garnier (almirante e ex-comandante da Marinha):** Segundo a delação de Mauro Cid, teria sido o único dos chefes das Forças Armadas a colocar suas tropas à disposição de Bolsonaro para executar o golpe de Estado.



GUSTAVO MORENO/STF

A defesa de Bolsonaro insistiu que não teve acesso à íntegra das provas do processo

Dreyfus foi formalmente exonerado e reintegrado ao exército em 1906.

Apesar de haver quase um consenso entre juristas e especialistas na área que Bolsonaro será condenado e que deverá ter uma pena severa, o desempenho dos defensores animou o ex-presidente segundo aliados. Além desse cenário mais drástico – e provável – são consideradas duas outras possibilidades: condenação, mas com uma pena menos severa, e a absolvição. A veemência dos advogados e os argumentos apresentados acenderam um lampejo de esperança no entorno bolsonarista de que tais cenários se tornassem factíveis.

Articulações em Brasília

Enquanto a Primeira Turma do STF e os advogados se debruçavam sobre o destino judicial de Jair Bolsonaro, um enredo paralelo e de consequências igualmente profundas se desenvolvia nos corredores do poder em Brasília. Longe dos tribunais, mas com os olhos fixos neles, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), assumiu o papel de protagonista e principal articulador de uma complexa manobra política: a aprovação no Congresso Nacional de um projeto de anistia aos condenados pelos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 – entre eles, principalmente, o próprio Bolsonaro. O movimento poderia redesenhar o futuro da direita brasileira e pavimentar o caminho de Tarcísio rumo ao Palácio do Planalto em 2026.

A operação foi deflagrada enquanto Bolsonaro acompanhava o julgamento de sua prisão domiciliar. Na terça-feira, 2, o governador de São Paulo desembarcou em Brasília para uma série de reuniões estratégicas. O encontro mais crucial foi com o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), o homem que detém o poder de pautar ou engavetar a proposta. A missão de Tarcísio não era apenas um gesto de solidariedade ao ex-chefe (ele foi ministro da Infraestrutura de Bolsonaro), mas um movimento calculado dentro de um

Os defensores de Bolsonaro fizeram, durante o julgamento, comparação com o célebre “caso Dreyfus”, ocorrido no fim do século 19

Passo a passo do julgamento

O que já aconteceu

Primeiro dia (2/9)

- Leitura do relatório

- Acusações da Procuradoria-Geral da República

- Defesas dos réus Mauro Cid, Alexandre Ramagem, Almir Garnier e Anderson Torres

Segundo dia (3/9)

- Defesas dos réus Augusto Heleno, Jair Bolsonaro, Paulo Sérgio Nogueira e Walter Braga Netto

O que virá

A partir do terceiro dia (9/9)

- Início dos votos dos ministros na seguinte ordem: Alexandre de Moraes, Flávio Dino, Luiz Fux, Cármen Lúcia e Cristiano Zanin

Entre o quarto dia (10) e o quinto (12)

- Julgamento é concluído com o voto dos cinco ministros. Com três, forma-se maioria para a condenação ou absolvição. Para cada réu condenado, se houver essa decisão, define-se a pena aplicada. Resultado final é proclamado

tabuleiro de xadrez onde cada peça representa poder e ambição futura.

A complexidade da estratégia de Tarcísio reside em seu duplo objetivo, uma faca de dois gumes manejada com precisão. O primeiro é o da lealdade. O governador age para responder à crescente desconfiança da ala mais ideológica do bolsonarismo, vocalizada por figuras como o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o pastor Silas Malafaia. Ambos, em diferentes momentos, questionaram o empenho de Tarcísio em defender o ex-presidente do que consideram um “cerco do Judiciário”. Ao se tornar o fiador da anistia, o governador busca um trunfo inquestionável. Se for bem-sucedido, poderá ostentar o discurso de que, enquanto outros produziam ruído nas redes sociais ou criavam crises diplomáticas, sua habilidade de dialogar com o “sistema” foi o que efetivamente livrou Bolsonaro do caminho da prisão.

O segundo gume é o da ambição presidencial. O modelo de anistia defendido por Tarcísio e seus aliados é cirúrgico: perdoaria a pena de prisão de Bolsonaro, mas manteria sua inelegibilidade até 2030 intacta. Assim, ele não apenas neutraliza seu principal e mais popular concorrente na disputa pela liderança da direita, como também o torna um devedor de sua gratidão. A jogada, se bem-sucedida, o consagraria como o herdeiro incontestável do capital político de Bolsonaro, com a bênção do

FABIO RODRIGUES/POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL





*Anistia aos condenados
pelos atos golpistas de 8
de janeiro de 2023
voltou a ser articulada*

próprio, para a iminente disputa contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que já trata o ex-ministro como oponente a sua tentativa de reeleição. As engrenagens dessa articulação já giram com força no Congresso, e as confirmações vêm dos próprios operadores. Valdemar Costa Neto, presidente nacional do PL, não hesitou em confirmar o papel central do governador. “Ele tem

trabalhado, tem ajudado dentro do Republicanos, para que a gente faça a anistia”, afirmou Costa Neto, referindo-se a Tarcísio, ao mesmo tempo em que negava que a ajuda fosse uma condição para o apoio do partido em 2026. O dirigente do PL já projeta um placar de cerca de 300 votos favoráveis na Câmara, citando o apoio consolidado de PP, União Brasil, Republicanos, PSD e do próprio PL.

Hugo Motta, embora mais discreto, também confirmou a pressão e o protagonismo de Tarcísio. Após o encontro com o governador, Motta admitiu o “interesse” de seu correligionário em pautar o tema, mas adotou um tom cauteloso. Segundo ele, “não há ainda nenhuma definição”. No entanto, reconheceu que o número de líderes partidários que pedem a votação da anistia aumentou consideravelmente, impulsionado pela adesão formal de PP e União Brasil à oposição, rompendo de vez com o governo Lula.

Se na Câmara dos Deputados o caminho parece aplainado pela articulação de Tarcísio e pela adesão do Centrão, no Senado o cenário é drasticamente diferente, e o principal obstáculo tem nome e sobrenome: Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). O presidente do Senado atua como um contraponto direto à estratégia do governador de São Paulo, posicionando-se como um dique de contenção à anistia total.

Em declarações públicas, Alcolumbre afirmou ser contrário à aprovação de um perdão irrestrito a Bolsonaro, considerando a medida um passo excessivo e de difícil digestão institucional.

*Paulo Gonet pediu
a condenação dos
réus do núcleo
central da trama
golpista*





Com as movimentações em Brasília, Tarcísio de Freitas acelera sua consolidação como a principal liderança da direita brasileira

A oposição de Alcolumbre não é, contudo, um simples bloqueio. Ciente da pressão da base bolsonarista, ele trabalha ativamente em uma proposta alternativa, um “plano B” que busca oferecer uma saída para o impasse. A articulação do presidente do Senado visa a construção de um texto que diminua as penas dos condenados pelos ataques de 8 de janeiro, mas sem conceder o perdão completo do crime.

A principal ideia é alterar a Lei de Defesa do Estado Democrático de Direito, criando um tipo penal mais brando para enquadrar aqueles que participaram dos atos, mas não tiveram papel direto no planejamento ou financiamento da intencional golpista.

Caso Bolsonaro seja condenado pelo STF, ele poderia, em tese, ser beneficiado por essa redução. A manobra de Alcolumbre é estratégica: ela divide o campo bolsonarista, oferece uma alternativa mais “palatável” para senadores de centro e força Tarcísio e os deputados a negociarem, sob o risco de não conseguirem aprovar nada no Senado. Diante de todas essas movimentações, Gleise Hoffmann, ministra de Relações Institucionais, reagiu, em entrevista para a TV: “Isso vai ser um vexame internacional se acontecer, porque nós estamos dando uma demonstração de defesa da democracia no mundo com esse processo, mas também com a postura que nós estamos tendo em relação às pressões externas. O Congresso não pode compactuar com isso e ser um

agente do desrespeito ao Supremo”. Ela completou: “Esse é o presente que o Tarcísio quer dar para o Trump”.

Nesse complexo tabuleiro em que Brasília se encontra, Tarcísio acelera sua consolidação como a principal liderança da direita brasileira. Ao capitanear a busca por uma solução para o imbróglio judicial de Bolsonaro, ele paga o pedágio necessário para herdar seu espólio político. No entanto, o desafio que se impõe é monumental. Como observou

o cientista político Creomar de Souza, CEO da consultoria Dharma, o risco da estratégia é não convencer como moderado e não emplacar como radical.

Em meio a tamanha mobilização, o julgamento segue seu desenrolar nos próximos dias. Particularmente aguardado é o voto de Alexandre de Moraes já na terça-feira dia 9. No mesmo dia, se houver formação de maioria, o destino de Bolsonaro será selado. E o jogo da política segue rumo a 2026. ■

Davi Alcolumbre: perdão irrestrito a Bolsonaro é de difícil digestão institucional



Fintechs agora estão obrigadas a informar operações financeiras ao Fisco

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Sob a força da lei

Governo aumenta o controle sobre as fintechs depois da megaoperação que revelou a utilização de empresas do setor financeiro pelo crime organizado

O setor de fintechs no Brasil tem experimentado um crescimento notável nos últimos anos. Estudos apontam que entre 2020 e 2025 a expansão no número de empresas nesta área foi de 77%, passando de 1158 para 2048. Desde a sexta-feira 29, a atuação dessas instituições passa a obedecer novas regras determinadas pelo Ministério da Fazenda. “Muita coisa errada está passando por fintech. E você começa a comprometer o nome fintech”, afirmou o ministro Fernando Haddad na véspera da instituição das novas regras. “Tem gente séria no setor. Mas

como você não fiscaliza, o ‘não sério’ entra na brecha da legislação”, declarou. Com a nova norma, as fintech ficam obrigadas a informar ao Fisco operações financeiras de pessoas físicas acima de R\$ 2 mil e de pessoas jurídicas acima de R\$ 6 mil. De acordo com o texto publicado no Diário Oficial da União (DOU), a medida visa combater “os crimes contra a ordem tributária, inclusive aqueles relacionados ao crime organizado, em especial a lavagem ou ocultação de dinheiro e fraudes”. “Com a nova obrigatoriedade, as fintechs estão obrigadas a enviar infor-

mações detalhadas sobre contas de pagamento e operações financeiras de seus clientes à Receita Federal. Na prática, significa que as novas obrigações aumentam a responsabilidade sobre o controle de operações suspeitas e a prevenção à lavagem de dinheiro”, explicou o advogado Eduardo Rodrigues, sócio da área tributária do Duarte Tonetti Advogados, ao site IstoÉ Dinheiro. A adoção das novas regras ocorreu após uma série de operações deflagradas contra o crime organizado e que atingiram o setor financeiro da Faria Lima, naquela que foi a maior opera-

ção já realizada no país contra a lavagem de dinheiro por uma facção criminosa, no caso o Primeiro Comando da Capital (PCC). Segundo Haddad, a maior fiscalização sobre as fintechs é crucial para destrinchar esquemas de lavagem de dinheiro que utilizam essas plataformas.

Na quinta-feira, 29 de agosto, a Avenida Faria Lima amanheceu com equipes de Polícia Federal, Polícia Militar, promotores do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco), além de agentes e fiscais das Receitas Estadual e Federal como parte da Operação Carbone Oculto. Integrada às Operações Quasar e Tank, de diversas instituições em dez Estados, se tornou uma imensa ação coordenada para combater a infiltração do crime organizado na economia formal do País. A estimativa é de que as fraudes, coordenadas pelo PCC movimentaram R\$ 23 bilhões.

Antes da nova regulamentação, apenas os bancos tradicionais eram obrigados a prestar informações fiscais, o que

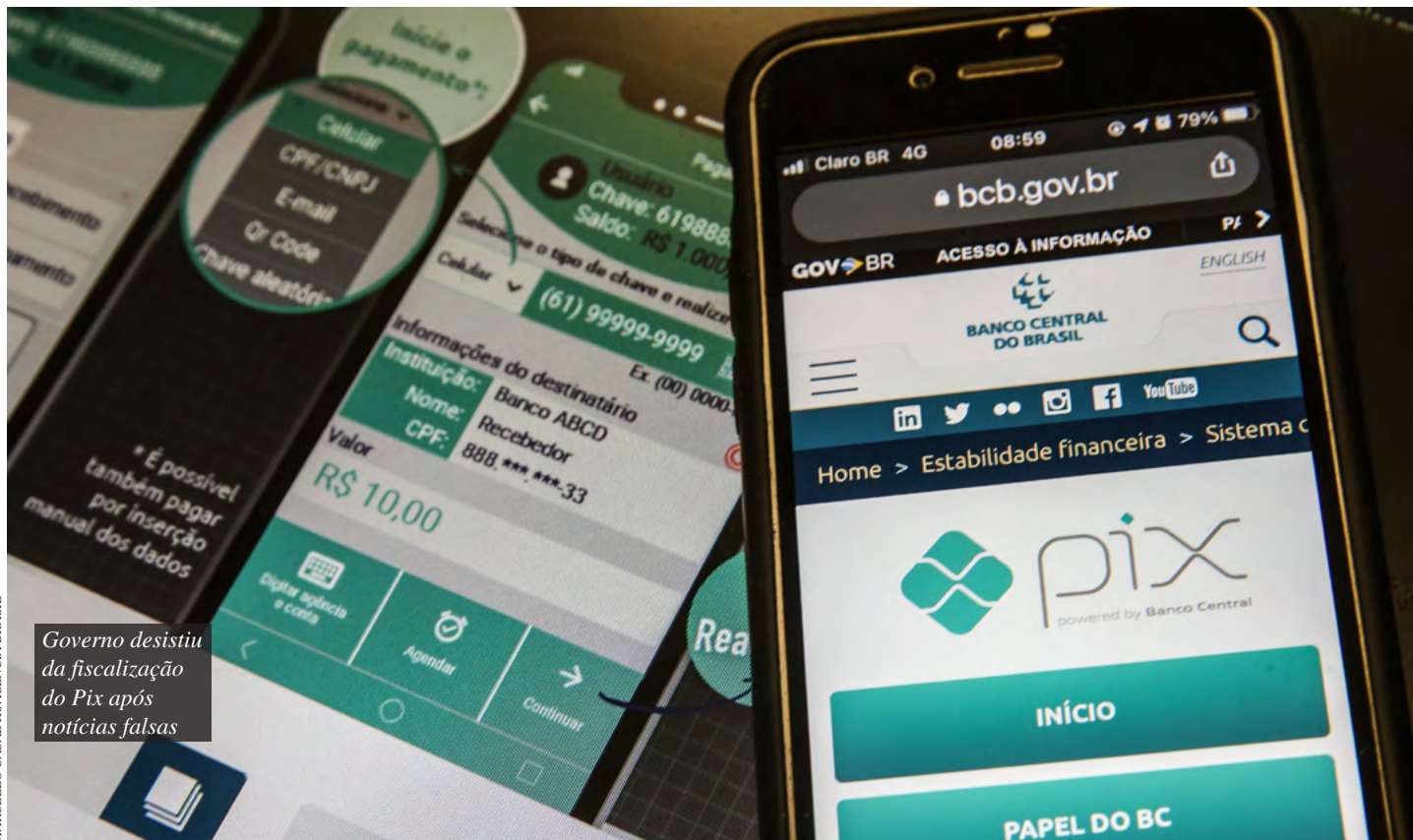
deixava as fintechs fora do radar das autoridades e dos sistemas de gerenciamento de risco. A inclusão das empresas na chamada e-Financeira permitirá que a Receita Federal tenha acesso a dados que hoje não são monitorados, facilitando a identificação de atividades ilícitas.

A iniciativa de aumentar o monitoramento sobre transações financeiras não é nova. No ano passado, a Receita Federal já havia editado uma portaria para ampliar a fiscalização, incluindo o Pix. No entanto, a medida foi revogada no início deste ano devido à disseminação de notícias falsas sobre uma possível taxaço do meio de pagamento. O governo, em seguida, publicou uma Medida Provisória para assegurar a gratuidade e o sigilo do Pix, buscando tranquilizar a população.

Com a nova instrução normativa, a intenção do governo é reforçar a fiscalização sobre o uso das fintechs em atividades criminosas, sem gerar insegurança ou desinformação sobre o uso de meios de pagamento digitais. ■



WIRESTOCK/ENVATO ELEMENTS



Governo desistiu da fiscalização do Pix após notícias falsas

MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL



Consumo das famílias recuou em comparação ao primeiro trimestre

ANNASTILL SENVATO ELEMENTS

Ponto de inflexão

PIB desacelera e governo indica “leve viés de baixa” na projeção para 2025; juros altos e tarifaço devem continuar limitando atividade econômica no segundo semestre

O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre divulgado pelo IBGE nesta semana fizeram o Ministério da Fazenda reavaliar sua projeção de alta da atividade econômica do país de 2,5% para 2025. Agora, ela passa a ter “leve viés de baixa”. O crescimento do PIB no período foi de 0,4%, alcançando R\$ 3,2 trilhões em volume. O índice está levemente acima da expectativa do mercado, que era de 0,3% ou até menos, mas está distante do aumento de 1,3% registrado no primeiro trimestre. De acordo com a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis, a desaceleração era um efeito esperado a partir da política monetária restritiva iniciada em setembro do ano passado, que elevou a taxa básica de juros para o patamar atual de 15% ao ano. Os juros elevados têm ajudado a conter a inflação. Por outro lado, encarece o custo do crédito e freia o consumo e os investimentos. A taxa de investimentos registrou no segundo trimestre a pri-

meira queda (-2,2%) desde o terceiro trimestre de 2023.

Dentre os setores analisados, Indústrias de Transformação e Construção, que dependem de crédito, são mais afetados nesse cenário. Rebeca diz que os efeitos negativos no setor de construção e na produção de bens de capital ajudam a explicar a queda nos investimentos. Parte da perda do fôlego nesse período também foi influenciada pelo menor desempenho do setor Agro, que no período anterior teve resultado positivo de 12,3% e agora retração de 0,1%. Os níveis de atividade dos setores Serviços e Consumo das Famílias atingiram patamares recordes no segundo trimestre, registrando um crescimento acima do PIB geral, em meio a um mercado de trabalho aquecido e desemprego baixo. Ainda assim, o consumo desacelerou de uma expansão de 1% no primeiro trimestre para 0,5% no período encerrado em junho.

“O total de salários reais segue crescendo e há uma manutenção dos pro-

gramas governamentais de transferência de renda, o que contribui para o consumo das famílias”, avaliou a coordenadora do IBGE.

Na avaliação de Natalia Victal, economista-chefe da SulAmérica Investimentos, a mensagem do PIB é de “resiliência”. Para ela, a desaceleração é clara, mas restam dúvidas sobre o ritmo. “A dúvida está apenas na velocidade dessa desaceleração”, afirmou. Apesar disso, ela projeta expansão de 2,5% neste ano.

Rafael Perez, economista da Suno Research, ressalta que tarifas e juros altos reforçam a tendência de perda de ritmo, embora o mercado de trabalho e os gastos públicos suavizem o quadro. “As perspectivas de manutenção da Selic em 15% até o início do próximo ano, somadas a condições menos favoráveis para o crédito, devem continuar limitando os investimentos e dificultando a sustentação do crescimento ao longo de 2025”, completou. ■

Os novos Diniz do Pão de Açúcar

Família mineira recebe aval do Cade, se consolida como maior acionista do grupo varejista e propõe novos nomes para o conselho



Entre os irmãos da família está Alex Sandro Diniz, suplente do senador Cleitinho Azevedo

REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS

O Grupo Pão de Açúcar (GPA) vive um novo capítulo em sua história, agora com a chancela do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) Estado. Nesta terça-feira, 2, o órgão aprovou, sem restrições, a aquisição de participação societária na companhia pela família Coelho Diniz. Com isso, o grupo mineiro se consolidou como o principal acionista da rede, com 24,6% do capital, ultrapassando os franceses do Casino, que agora detêm 22,5%. Com a posição legitimada, a família agora pressiona por mais representatividade. Ela propôs uma nova chapa para o Conselho de Administração, sinalizando mudanças significativas na governança da varejista.

O controle da rede está nas mãos dos irmãos André Luiz, Alex Sandro, Fábio, Henrique Mulford e Helton Coelho Diniz. Até pouco tempo, a família passava quase despercebida fora de Minas Gerais. O negócio dos irmãos é o Coelho Diniz Supermercados, criado nos anos 1990 em Governador Valadares e hoje com 22 lojas no leste mineiro. Com um faturamento estimado em até R\$ 3 bilhões anuais, o grupo regional iniciou sua investida no GPA de forma discreta, mas acelerada: começou com 5% das ações em fevereiro, dobrou a fatia em maio e, no fim de agosto, atingiu o patamar atual. A família tem influência em outra área também, a política: Alex Sandro Diniz,

um dos irmãos mais próximos da operação, é suplente do senador Cleitinho Azevedo (Republicanos-MG). Já Hercílio Coelho Diniz Filho é deputado federal pelo MDB desde 2018. Ele se afastou da gestão executiva da rede quando assumiu o primeiro mandato, mas continua como acionista da empresa fundada pelo pai, Hercílio de Paula Diniz. O sobrenome chama a atenção, mas os mineiros não têm nenhuma ligação com os Diniz que fundaram a empresa.

Caminho livre

A aprovação pelo Cade foi um passo fundamental. No despacho, a superintendência do órgão considerou que a operação não gera preocupações concorrenciais, pois as lojas da família e as do GPA em Minas Gerais atuam em municípios distintos, configurando uma “mera substituição de agente econômico”. Com o caminho livre, os Diniz formalizaram na segunda-feira, 1º, o pedido de convocação de uma Assembleia Geral Extraordinária (AGE) com o objetivo de eleger um novo conselho, mais alinhado à nova composição acionária.

A proposta de chapa, já submetida à companhia, revela a estratégia dos novos acionistas. Eles indicam a permanência de alguns nomes, como o próprio André Coelho Diniz e os conselheiros Rafael Ferri e Edison Ticle, além do CEO Marcelo Pimentel. A chapa também mantém dois representantes do Casino, Christophe José Hidalgo e Helene Bitton, um aceno de que a convivência com os franceses deve continuar.

A grande mudança, no entanto, está na indicação de três novos membros independentes - Gustavo Lobato (do setor imobiliário), Leandro Campos (empreendimentos imobiliários) e Luiz Henrique Cunha (direito tributário) - e, principalmente, na ausência do atual presidente do conselho, Ronaldo Iabrudi. O movimento é o sinal mais claro de que os novos controladores desejam uma mudança de rumo. O mercado agora observa com atenção os próximos passos. Discretos, os novos Diniz do Pão de Açúcar deixam claro que querem direcionar o futuro de um dos maiores e mais tradicionais varejistas do país. ■

*Soldados evoluem na
Praça da Paz
Celestial: cenário de
massacre de 1989*



Exibição de força

Em Pequim, desfile militar pelos 80 anos do fim da Segunda Guerra reúne Xi Jinping, Vladimir Putin e Kim Jong-un. Dos Estados Unidos, Donald Trump ironiza o encontro

Poder, precisão e tecnologia de ponta. Um desfile militar tomou a Praça da Paz Celestial, em Pequim, na quarta-feira, 3, para marcar os 80 anos do fim da Segunda Guerra Mundial. Oficialmente, esse foi o motivo para o presidente chinês Xi Jinping receber duas lideranças controversas: o presidente russo Vladimir Putin e o líder norte-coreano Kim Jong-un. Mas, aos olhos de boa parte do mundo, o evento, realizado no mesmo local onde manifestantes foram massacrados em 1989, serviu para enviar uma mensagem mais intimidadora. Eles têm força.

A China exibiu um arsenal projetado para impressionar e redefinir o equilíbrio geopolítico global: mísseis hipersônicos, equipamentos nucleares, veículos não tripulados e até lobos-robôs desenvolvidos para combate. Um espetáculo que ganhou as manchetes do mundo escancarando poderio militar. Para os chineses, a celebração simboliza a resistência e a vitória final contra o Japão, mas ela serviu como o palco perfeito para o principal ato do evento. O ponto alto foi o tapete vermelho: pela primeira vez em um evento público dessa magnitude Putin e Kim Jong-

-un se posicionaram como convidados de honra de Xi Jinping. A imagem foi meticulosamente coreografada: o presidente chinês ficou no centro, projetando-se como pivô de um novo eixo de poder global.

Na visão de alguns analistas, este foi o maior desfile militar da China. A cerimônia reuniu outros 20 líderes internacionais, evidenciando o pesado investimento de Xi Jinping na construção de alianças. Em uma agenda diplomática intensa, o líder chinês encontrou-se também com Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, com quem pro-



Mísseis à mostra: exibição para impressionar o resto do mundo

meteu superar rivalidades regionais em nome de parcerias ampliadas.

Ao pregar a estabilidade e a cooperação, a China tenta destacar como contraponto à política externa dos Estados Unidos, marcada pela imprevisibilidade de Donald Trump. A mensagem, claro, chegou à Casa Branca. O presidente norte-americano não deixou de comentar, e com ironia. Em uma publicação em sua rede social, Trump criticou o encontro dos três líderes em Pequim: “Por favor, transmitam os meus mais calorosos cumprimentos a Putin e

a Kim Jong-un, enquanto vocês conspiram contra os Estados Unidos”.

Mais tarde, durante uma entrevista, Trump confirmou que acompanhou o evento de perto, admitindo que a demonstração de força era, em parte, para ele. “Eles queriam que eu estivesse assistindo. E eu estava”, declarou.

A réplica de Moscou veio em tom de aparente cordialidade. Questionado sobre a provocação, Putin comentou que o presidente norte-americano tem “senso de humor”. Mas reforçou que ambos mantêm um “ótimo relaciona-

mento”. O líder russo fez questão de dizer que, durante as conversas, ninguém levantou críticas diretas contra o governo Trump. No entanto, as ações de Putin no evento falaram mais alto que suas palavras. Ele trocou um abraço forte com Kim Jong-un e, publicamente, agradeceu o apoio da Coreia do Norte na guerra contra a Ucrânia, um reconhecimento que solidifica ainda mais a aliança entre os dois países. Na mesma coletiva, Putin enviou outro recado, declarando-se pronto para um encontro com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, mas com uma condição intransigente: a reunião deve acontecer em solo russo, em Moscou.

Em meio às tensões geopolíticas, um diálogo curioso e revelador entre Xi e Putin, captado e vazado pela transmissão oficial, ofereceu um vislumbre de ambições dos dois líderes. Discutindo os avanços da medicina, o presidente russo comentou com o líder chinês: “Quanto mais você vive, mais jovem se torna e pode até alcançar a imortalidade”. O anfitrião respondeu na mesma linha, afirmando que, em breve, com a ajuda de transplantes de órgãos e outras tecnologias, os seres humanos poderiam estender a vida até os 150 anos. A conversa pode ser lida de outra forma: eles buscam não apenas redesenhar o mapa do poder mundial; também sonham em desafiar os limites da natureza. ■



Putin, Xi Jinping e Kim Jong-un: coreografia para um novo eixo de poder

Tragédia e desolação

Terremoto causa 2.200 mortes e destrói pelo menos 8 mil casas destruídas no Afeganistão; governo do Talibã pede ajuda internacional

Um devastador terremoto de magnitude 6,0 atingiu o leste do Afeganistão na noite de domingo, 31, deixando um rastro de destruição que causou mais de 2.200 mortes, informou o governo nesta quinta-feira, 4. São quase quatro mil feridos e cerca de oito mil casas atingidas. Os trabalhos de resgate continuam e os números podem sofrer alterações. O sismo, um dos piores a atingir a região nos últimos anos, expôs a fragilidade de uma nação já assolada por crises humanitárias e pelo isolamento político em virtude do Talibã, que controla o país e que, diante da catástrofe, pediu ajuda internacional.

O epicentro do tremor foi localizado a uma profundidade de apenas oito quilômetros, nas províncias montanhosas

de Kunar e Nangarhar, próximo à fronteira com o Paquistão. A baixa profundidade é um fator crucial para a alta destrutividade do terremoto, pois a energia liberada atinge a superfície de forma mais direta e intensa. Esta característica, somada à precariedade das construções – a maioria das casas na região é feita de argila, pedras e tijolos de barro, sem estruturas de reforço –, resultou na aniquilação de vilarejos inteiros.

O cenário nas áreas afetadas é de completa desolação. Equipes de resgate e moradores locais trabalham incessantemente, muitas vezes com as próprias mãos, na busca por sobreviventes sob os escombros. A situação foi agravada por tremores secundários, incluindo um de magnitude 5,2 na terça-feira, 2,

que gerou pânico entre a população e aumentou o risco de novos desabamentos, forçando milhares de famílias a dormir ao ar livre, protegidas apenas por xales.

Os maiores empecilhos para o atendimento às vítimas são a geografia e a logística. As regiões atingidas são remotas e de difícil acesso, com muitas estradas bloqueadas por deslizamentos de terra causados pelo próprio terremoto e por chuvas recentes. A ONG Save The Children relatou que uma de suas equipes precisou caminhar 20 quilômetros para alcançar uma aldeia isolada. “Não há nada para comer, tudo ficou enterrado sob os escombros”, afirmou para a AFP Ijaz Ulhaq Yaad, uma autoridade do distrito de Nurgal, um dos locais mais afetados.

Diante da magnitude do desastre, o governo do Talibã, que reassumiu o poder em 2021, reconheceu sua incapacidade de gerir a crise sozinho e fez um apelo formal à comunidade internacional. A resposta começou a se materializar, ainda que de forma tímida. A Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou a liberação de US\$ 5 milhões de seu fundo de emergência. A União Europeia (UE) prometeu o envio de 130 toneladas de ajuda humanitária para assistência imediata e destinou €1 milhão para organizações que atuam no local.

A tragédia atual se insere em um contexto de vulnerabilidade crônica. O Afeganistão está localizado sobre a junção das placas tectônicas eurasiática e indiana, uma zona de intensa atividade sísmica. O país sofre com terremotos frequentes, como o que atingiu a região de Herat em 2023, com magnitude 6,3, deixando mais de 1.500 mortos, e outro na província de Paktika, em 2022, que vitimou mais de mil pessoas. A redução drástica da ajuda internacional desde o retorno do Talibã ao poder minou a capacidade do país de se preparar e responder a esses desastres naturais, deixando a população ainda mais exposta e desassistida. ■



O terremoto expôs a fragilidade da região, em que muitas casas têm estruturas precárias

Tensão nas águas do Caribe

Donald Trump usa rede social para mostrar ataque de drone a uma embarcação em que estariam supostos narcotraficantes; governo de Maduro faz acusação de assassinato

As já turbulentas águas do Caribe se tornaram o epicentro de uma grave escalada de tensão entre os Estados Unidos e a Venezuela. O estopim foi o anúncio do presidente Donald Trump sobre um ataque letal realizado por forças norte-americanas contra uma lancha que, segundo Washington, transportava drogas e 11 membros do grupo de criminosos venezuelanos conhecido como “Tren de Aragua”. A ação, executada por um drone em águas internacionais, foi celebrada por Trump como um golpe contra o narcoterrorismo, mas provocou uma resposta dura de Caracas, que acusou o governo norte-americano de assassinato e de forjar as evidências do ataque.

A reação do governo de Nicolás Maduro envolveu múltiplas frentes. O presidente colocou a Força Armada Nacional Bolivariana em “alerta máximo”, argumentando que o país está sob “a maior ameaça já vista” na região nos últimos 100 anos. Diosdado Cabello, ministro

do Interior da Venezuela e considerado o número dois do chavismo, foi ainda mais contundente, classificando a operação como “assassinatos extrajudiciais e sumários”. Cabello afirmou que o ataque atingiu “11 pessoas sem nenhum julgamento”. E insistiu que nenhuma suspeita de narcotráfico autoriza o que chamou de “execuções no mar”.

Antes, outra acusação já tinha surpreendido. O ministro das Comunicações Freddy Nández afirmou que o vídeo do ataque, divulgado por Trump em sua rede social Truth Social, era uma farsa “gerada por Inteligência Artificial”. O vídeo mostra uma embarcação sendo monitorada e, em seguida, atingida por um míssil. Segundo Nández, a peça teria como objetivo criar um pretexto para uma intervenção militar. A acusação deu à crise um caráter de guerra informacional, e na era da IA.

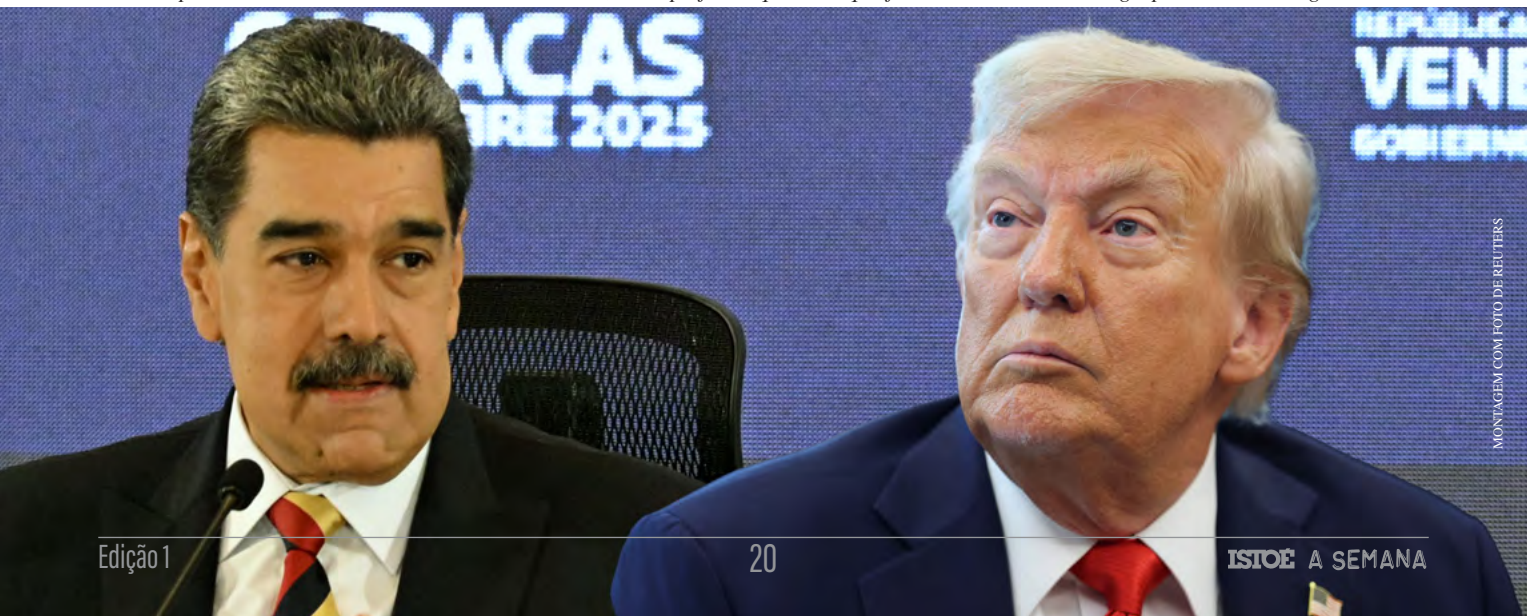
Enquanto Maduro promete uma “luta armada” em caso de invasão, analistas internacionais observam com ceticis-

mo a capacidade militar venezuelana. Apesar de contar com cerca de 343 mil combatentes, incluindo um contingente de milicianos civis com forte carga ideológica, o equipamento das Forças Armadas é, em grande parte, obsoleto. O arsenal inclui caças russos Sukhoi e F-16 americanos da década de 1980, tanques franceses e até um submarino alemão adquirido em 1973.

A crise econômica que atingiu o país reduziu drasticamente os investimentos, afetando a manutenção e o treinamento militar. Um general da reserva, sob anonimato, confirmou que a moral das tropas está baixa e que a capacidade de coordenar uma operação complexa é limitada.

Apesar da retórica inflamada de ambos os lados, uma invasão dos Estados Unidos é vista como um cenário improvável. A presença de navios de guerra norte-americanos no Caribe, justificada como uma operação antidrogas, serve como ferramenta de pressão máxima sobre Maduro, que Washington acusa formalmente de “narcoterrorismo”. O ataque ao barco eleva o nível de confronto, mas por enquanto, a guerra permanece no campo das declarações, das sanções e até das acusações de falsificação digital. ■

Maduro promete “luta armada” em caso de invasão; Trump afirma que o ataque foi sobre criminosos do grupo “Tren de Aragua”



O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

EUA

A polêmica da Guarda Nacional em Chicago

O presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou na terça-feira, 2, que enviará tropas da Guarda Nacional para Chicago, governada pelos democratas. A medida é justificada como uma ação para combater a alta na criminalidade. Ele insinuou que também enviaria soldados para Baltimore, outra cidade administrada por democratas. O governador de Illinois, JB Pritzker, e o prefeito de Chicago, Brandon Johnson, se opõem firmemente à intervenção. Pritzker a classifica como uma "invasão militar" com fins políticos. A decisão do republicano Trump, que nega motivações políticas, ocorre apesar de um juiz federal ter declarado ilegal uma mobilização similar em Los Angeles.

Argentina

Áudios na mira da Justiça em Buenos Aires

A Justiça da Argentina ordenou a proibição da divulgação de áudios atribuídos a Karina Milei, irmã do presidente Javier Milei. O governo classifica o vazamento como uma "operação de inteligência ilegal" ocorrida dentro da Casa Rosada. A medida judicial ocorre em meio a um escândalo maior, iniciado com o vazamento de outros áudios em que um ex-diretor de agência governamental acusa Karina de receber propina de 3% na compra de medicamentos. O Ministério da Segurança pediu mandados de busca e apreensão contra o canal de streaming que divulgou as gravações. O presidente contesta as acusações.

Portugal

Tragédia no bondinho de Lisboa

Uma tragédia atingiu um dos principais pontos turísticos de Lisboa no final da tarde da quarta-feira, 3. O centenário Elevador da Glória descarrilou, causando a morte de 16 pessoas e deixando outras 21 feridas, cinco em estado grave. As investigações preliminares apontam que a ruptura de um dos cabos de tração teria feito o funicular sair dos trilhos e colidir com um prédio. Com capacidade para 42 pessoas, o transporte liga a Praça dos Restauradores ao Bairro Alto e é uma das atrações mais procuradas da capital portuguesa.

Tailândia

Primeira-ministra destituída em Bangkok

A Corte Constitucional da Tailândia destituiu a primeira-ministra Paetongtarn Shinawatra e todo o seu gabinete na sexta-feira, 29. A decisão aprofunda a crise política no país e marca um novo capítulo na disputa entre a elite conservadora e o clã Shinawatra. Os juízes consideraram que a premiê violou normas éticas durante uma conversa telefônica com um ex-líder do Camboja, Hun Sen, em um momento de alta tensão diplomática. Em um áudio vazado, ela o chamou de "tio" e um comandante militar tailandês de "opositor", o que foi visto como quebra de protocolo. Paetongtarn é o terceiro membro da família a ser afastado do cargo.

Sudão

Deslizamento mortífero em Darfur

Um devastador deslizamento de terra, causado por fortes chuvas, soterrou a aldeia de Tarasin, na região de Darfur, oeste do Sudão. Um grupo que controla a área, chamado Movimento de Libertação do Sudão, informou que mais de mil moradores morreram. A magnitude da catástrofe supera a capacidade local de atendimento. Foi feito um apelo à ONU por ajuda na recuperação de corpos soterrados por lamas e destroços. O socorro é dificultado pela guerra civil que eclodiu no país em 2023, gerando uma crise humanitária marcada por fome, violência e agora pela tragédia ambiental.

Empolgante, porém...

Três meses após seu lançamento – e o frenesi inicial dos gamers –, o console da Nintendo mostra a que veio mas o preço alto e os poucos jogos disponíveis pesam na decisão de compra

Mauro Balhessa

Fenômeno de vendas que já entrou para a história da Nintendo, o console Switch 2 causou barulho já no lançamento global, em 5 de junho. Quatro dias depois de chegar ao mercado – inclusive no Brasil –, foram comercializadas 3,5 milhões de unidades. A companhia japonesa anunciou que fechou o primeiro mês com vendas de 5,82 milhões do console e 8,67 milhões de jogos. Mario Kart World, o game que saiu junto com o Switch 2, chegou a 5,63 milhões de cópias. Depois de todo esse “hype”, três meses depois, o que mudou? Vale a pena comprar um Switch 2 ou o consumidor pode ficar com o Switch 1 ainda? No Brasil, o novo console é comerciali-

zado a R\$ 4,5 mil. Com o jogo “Mario Kart World”, sai por R\$ 4,8 mil, valor que ultrapassa a quantia de três salários mínimos (R\$ 1.518). Para se ter ideia, o Switch 1 pode variar entre R\$ 1 mil (modelo lite) e R\$ 2 mil (OLED). Outro ponto a se considerar é que o console chega a ser mais caro do que o PlayStation 5 (lançado em 2020), vendido por cerca de R\$ 3,5 mil no mercado nacional. Um concorrente à altura seria o portátil da norte-americana Valve, o Steam Deck, atualmente vendido por meio de importadores no país com preços entre R\$ 3,5 mil e R\$ 5 mil.

DIVULGAÇÃO



Switch 2 chegou ao mercado com “Mario Kart World”

RICHARD DREW

A Nintendo não explica com detalhes o motivo dos preços serem tão salgados. O argumento está centrado nos impostos aplicados no Brasil. Alguns compradores postaram a nota fiscal de aquisição do Switch 2 à época. O comprovante exibe aproximadamente R\$ 2 mil em tributos. O valor básico do console nos Estados Unidos é de US\$ 450 (aproximadamente R\$ 2,5 mil, em conversão direta).

Em termos de jogos, ainda há poucas novidades para o Switch 2. Os destaques ficam com “Mario Kart World” e “Donkey Kong Bananza”, o game do ano da Nintendo, até agora. Outros grandes lançamentos de 2025 estão previstos para os dois videogames da “Big N” (apelido que os gamers dão à empresa). Isso quer dizer, que os usuários terão versões para Switch 1 e Switch 2 dos títulos “Metroid Prime 4: Beyond” (sem data) e “Pokémon Legends: Z-A”, que terá a Nintendo Switch 2 Edition a partir de outubro.



DIVULGAÇÃO

Desde o Switch 1, a companhia adota uma estratégia de lançamentos de jogos. Em 2024, entre títulos de mais apelo e com menor relevância, houve quase um por mês. Para não deixar o gamer muito tempo sem novidades, serão disponibilizadas versões de jogos do Switch 1 para o Switch 2, com conteúdos extras ou melhorados, caso de “Super Mario Party Jamboree – Nintendo Switch 2 Edition” + “Jamboree TV” (com modo câmera para jogar) e “Kirby and the Forgotten Land + Star-Crossed World” (com gráficos otimizados e novas fases).

Há ainda jogos de outras empresas, como “Cyberpunk 2077: Ultimate Edition” (R\$ 339,99), da polonesa CD Projekt Red, e “Street Fighter 6” (R\$ 191), da japonesa Capcom.

Em relação aos preços dos games, eles podem alcançar os R\$ 500. O novo “Mario Kart World” é um deles. Há opções menos caras que podem ser usadas pelo jogador. A maioria dos títulos do Switch 1 é tabelada em R\$ 350.

Títulos do GameCube no online

Como novidade para o serviço online, a companhia adicionou títulos do GameCube, console lançado em 2001. A lista inclui “F-Zero GX”, “The Legend of Zelda: The Wind Waker”, “SoulCalibur II” e “Super Mario Strikers”. Para isso, basta uma assinatura do Nintendo Switch Online com pacote adicional, que também engloba games de Nintendo 64, Game Boy Advance e Sega Mega Drive.

Assinatura individual do Nintendo Switch Online com pacote adicional, para 12 meses, sai por R\$ 299. Outra possibilidade é a assinatura em “família” por um ano, que sai por R\$ 469, válida para oito pessoas.

Teste da IstoÉ

A reportagem teve acesso ao novo console por meio da Nintendo do Brasil. De forma geral, é possível afirmar que

o modelo é um Switch 1 aprimorado, maior e com mais recursos. As diferenças podem ser observadas na tela, nos controles magnéticos e games rodando com 60 quadros por segundo e até 4K. Outra novidade é o chat por vídeo, enquanto o jogo roda normalmente.

O Switch 2 tem opção híbrida de jogabilidade, com o videogame na mão, na mesa ou na TV. A pegada no modo portátil está melhor, assim como a firmeza dos controles nesse modo. Apesar de não ser de OLED, a tela de LCD de 7,9 polegadas entrega boa qualidade. Em termos de comparação, o último Switch 1 lançado tem uma tela de OLED de 7 polegadas. Apesar de maior, ele manteve a espessura do console e não parece pesado para jogar no modo portátil.

O gamer hardcore vai sentir a diferença em relação ao Switch 1. Seu poder de rodar os jogos e de gráficos equivale a um PlayStation 4 ou um Xbox Series S. Se o consumidor não puder investir na compra do novo console, vale apostar na biblioteca do Switch 1, que terá ainda muitos lançamentos prometidos pela Nintendo (até simultâneos com o Switch 2). Claro, os jogos vão rodar com performance equivalente ao equipamento. ■



GODOFREDO A. VÁSQUEZ

Choque da maturidade

Priscila criou um programa online para debater o tema: 'Passei dois anos me sentindo mal'



A atriz Priscila Fantin se engaja no debate sobre os impactos das mudanças hormonais para as mulheres acima de 40 anos

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O climatério é uma fase natural na vida da mulher que marca a transição do período fértil para o não reprodutivo. Costuma acontecer entre os 40 e 50 anos e traz mudanças hormonais que podem mexer com o corpo, a mente e até a autoestima. Reconhecer os sinais dessa transformação é essencial para atravessar o período com mais saúde e bem-estar, algo que a atriz Priscila Fantin, 42 anos, descobriu na prática.

“De repente, meu corpo parecia não acompanhar minha vontade. Engordei 20 quilos, tive sintomas físicos e mentais, como se estivesse enlouquecendo.

Pensei que fosse uma crise de depressão, mas percebi a diferença: eu tinha ânimo para fazer as coisas, só que o corpo não respondia”, conta no videocast IstoÉ Gente Entrevista, apresentado por Letícia Sena.

A falta de informação fez com que a atriz demorasse a entender o que estava acontecendo. “O problema é que ninguém nos prepara para isso. Não sabia o que estava acontecendo. Quando não entendemos, sofremos muito mais”, diz. Segundo a ginecologista Patricia Magier, do Rio de Janeiro, as alterações hormonais dessa fase são graduais e costumam trazer mudanças físicas,

emocionais e metabólicas. A transição pode começar anos antes da última menstruação e se estender por até uma década.

É importante salientar que climatério não é a mesma coisa que menopausa, que acontece com o fim da menstruação. “A menopausa é um processo natural, que ocorre geralmente entre os 45 e 55 anos”, pontua a endocrinologista Fernanda Parra, de São Paulo.

A chamada síndrome do climatério abrange diferentes etapas: perimenopausa, menopausa e pós-menopausa. Entre os sintomas mais recorrentes estão cansaço persistente, indisposição, alterações de humor, dores articulares, insônia e ganho de peso.

Patricia explica que cada etapa requer um olhar específico. “Na perimenopausa, o foco é suavizar as oscilações hormonais; na menopausa, é compensar a queda desses hormônios; e na pós-menopausa, o objetivo é prevenir doenças crônicas e manter o bem-estar com um plano de cuidados contínuo”, orienta.

A experiência pessoal de Priscila virou um projeto: Menos Pausa, que estreia nesta segunda-feira, 8, no YouTube e no Instagram (@menospausaprograma), com a proposta de levar informação, acolher e criar uma rede de apoio para mulheres que estão passando pelo climatério e pela menopausa. Ela é a apresentadora junto com a nutricionista Vanessa Costa.

“Passei dois anos me sentindo mal, acreditando que estava em depressão, quando, na verdade, era perimenopausa. Isso acontece com muitas mulheres que recebem tratamento inadequado porque não há o diagnóstico certo”, afirma Priscila. “Queremos dar visibilidade ao climatério”, completa.

A atriz é mais uma personalidade que vem falando sobre o tema, como Fernanda Lima, Claudia Raia, Eliana e Claudia Ohana. Ampliar o debate com o apoio de figuras conhecidas do público permite quebrar tabus. De acordo com Fernanda, quando mulheres famosas compartilham suas experiências, elas ajudam a mostrar que a menopausa não significa perda de vitalidade, e sim o início de uma nova fase, que pode ser vivenciada com saúde, equilíbrio e qualidade de vida. ■

Os perigos da superexposição digital

No Brasil, 80% das crianças têm presença online antes dos 2 anos em imagens compartilhadas quase sempre pelos próprios pais

Uma imagem aparentemente inocente de um bebê, compartilhada por famílias nas redes, pode gerar interpretações que extrapolam a intenção original. O que para os pais é afeto, para desconhecidos pode ser alvo de mensagens maliciosas ou material para criminosos. Recentemente, uma mãe compartilhou no TikTok um alerta sobre imagens de bebês usando uma chupeta transparente. As cenas geraram comentários de conotação sexual. O vídeo teve 2,5 milhões de visualizações e mais de 1,2 mil comentários. O compartilhamento de cenas feito por mães e pais é conhecido por “sharenting”, junção dos termos em inglês “share” (compartilhar) e “parenting” (parentalidade). A prática ganhou nova dimensão após a viralização do vídeo-denúncia do youtuber Felca sobre os riscos da adultização de crianças, que

impulsionou o Congresso Nacional a colocar na pauta, votar e aprovar um projeto de lei que visa proteger os jovens dos perigos do ambiente digital. O PL 2.628/2022 estabelece um marco regulatório para a proteção de crianças e adolescentes. Conhecido como “ECA Digital”, ele cria uma série de obrigações para as plataformas digitais. Após a aprovação no Senado, a lei aguarda a sanção presidencial. O debate levantado por Felca fez com que famílias reavaliassem a exposição dos filhos. No Brasil, a prática é tão difundida que, antes mesmo de completarem dois anos, 80% das crianças já possuem presença online. É o que aponta uma revisão de estudos da Universidade Cesumar, de Maringá (PR). A decisão de publicar nas redes imagens de menores exige profunda reflexão. “Quem quiser compartilhar ima-

gens de seus filhos, deve se cercar de cuidados como respeitar a privacidade da criança, selecionar cuidadosamente o que postar e manter a atenção à segurança digital”, afirma a psicóloga Luana Santi, do Hospital Pequeno Príncipe, de Curitiba (PR). Karine Almeida, também psicóloga, acrescenta que a cautela é necessária mesmo em perfis fechados, pois uma vez na rede, perde-se o controle sobre o conteúdo.

Informações implícitas em fotos, como uniformes escolares ou dados de geolocalização podem revelar a rotina da família e facilitar a ação de criminosos. Além disso, imagens podem ser copiadas, manipuladas e inseridas em contextos de exploração sexual, um dos crimes digitais mais combatidos.

No campo psicossocial, as consequências também são relevantes. O risco de cyberbullying é acentuado, principalmente na adolescência, quando fotos antigas podem ser resgatadas e utilizadas para constranger e humilhar. Imagens de momentos íntimos, como banho, crises de choro ou birras, que hoje parecem inofensivas, podem gerar vergonha e dificuldades na construção da identidade no futuro. “Esses conteúdos geram rastros digitais permanentes que expõem momentos sensíveis e íntimos que devem ser protegidos”, pontua Luana. A superexposição pode ainda afetar a autoestima, com a criança sentindo a necessidade de performar para agradar ou sofrendo com comparações e comentários negativos.

O desafio se transforma quando as crianças chegam à adolescência e passam a gerenciar as próprias redes. Segundo Karine, a proibição total pode não ser eficaz, levando ao uso escondido. “Nenhuma medida restritiva substitui o diálogo e a fiscalização dos pais, que devem acompanhar o conteúdo e estabelecer acordos”, orienta. ■

A decisão de expor nas redes imagens das crianças exige reflexão dos pais sobre os riscos à integridade dos filhos



UNSP/ASH/DANIL SILANTEV

A origem do mal

Estudos mostram que a bactéria causadora da Peste Negra avançou entre a Europa e Ásia por meio da pecuária há quatro mil anos, durante a Idade do Bronze

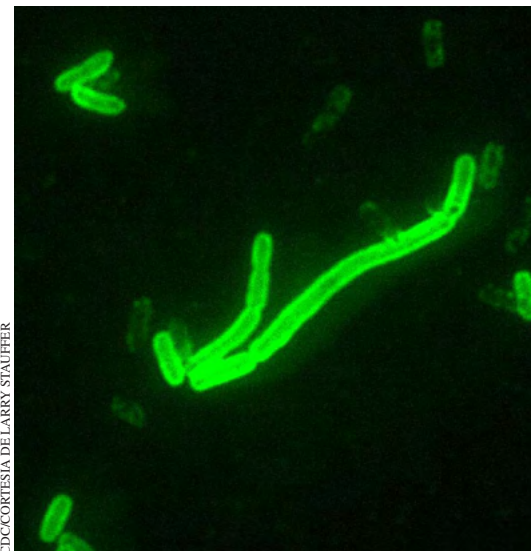


TAYLOR HERMES/REPRODUÇÃO

TAYLOR HERMES/REPRODUÇÃO



Pesquisadores recuperaram o genoma da bactéria Yersinia (abaixo) a partir do dente de uma ovelha (acima) que viveu há quatro mil anos na região de Arkaim (à esq.). Eles concluíram que o microorganismo se disseminou pelo contato dos humanos com rebanhos



CDC/CORTESIA DE LARRY STAUFFER

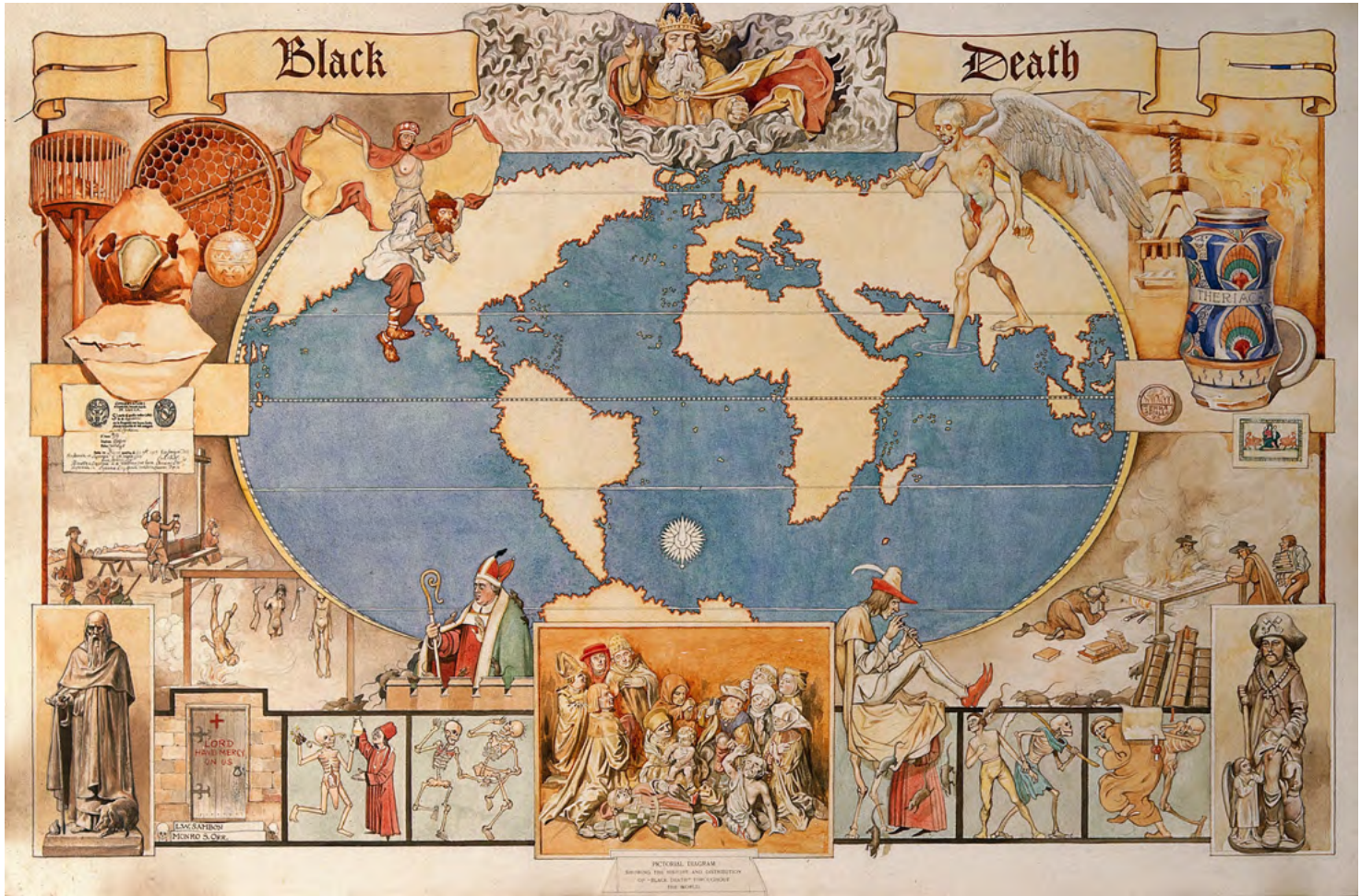
Novos estudos estão preenchendo lacunas importantes na compreensão de uma das doenças mais devastadoras da história humana: a peste negra. Pesquisas recentes revelaram não apenas como a bactéria causadora, a *Yersinia pestis*, se espalhou pela Europa e Ásia há quatro mil anos, mas também a estratégia evolutiva que permitiu sua sobrevivência secular após grandes surtos.

Um estudo publicado na revista científica “Cell” investigou um período em que o microorganismo ainda não possuía a capacidade de se disseminar por meio de pulgas. Como isso ocorria intrigava a comunidade científica. A resposta foi encontrada no sítio arqueológico de Arkaim, na Rússia, onde floresceu a cultura Sintashta-Petrovka, conhecida por inovações na criação de animais.

No local, pesquisadores recuperaram o genoma da *Y. pestis* no dente de uma ovelha domesticada que viveu há quatro mil anos.

Este achado levou uma equipe internacional a concluir que a pecuária desempenhou um papel central na transmissão da bactéria durante a Idade do Bronze. A mesma cepa que infectou humanos na região foi identificada no animal, sugerindo que o contato próximo com rebanhos, seja pelo consumo de carne ou por meio de fontes de água contaminadas, foi o principal vetor de contágio.

De acordo com Ian Light-Maka, pesquisador do Instituto Max Planck de Biologia de Infecções em Berlim, na Alemanha, e autor do estudo, cerca de 20% dos corpos humanos da Idade do Bronze encontrados na região da este-



‘A Peste Negra: mapa do mundo’, de Monro S. Orr. Uma pesquisa comparou cepas encontradas no início de epidemias e outras identificadas cem anos depois.

pe eurasiática apresentavam infecção pela bactéria. “Isso nos deixou com muitas perguntas e poucas respostas sobre como os humanos estavam sendo infectados”, declarou. A descoberta em animais domesticados oferece uma peça crucial para montar esse quebra-cabeça histórico.

A estratégia para sobreviver por séculos

Outro estudo recente, divulgado na revista “Science”, explica como a Yersinia pestis conseguiu persistir após as pandemias que dizimaram populações, como a que matou cerca de 25 milhões de pessoas na Europa medieval entre 1347 e 1352. O micro-organismo se adaptou para manter seus hospedeiros vivos por mais tempo, permitindo que ela continuasse se espalhando ao longo dos séculos.

Cientistas analisaram amostras da bactéria coletadas de restos humanos na Dinamarca e Rússia, datadas de aproximadamente 100 anos após o primeiro e o segundo grandes surtos da peste na Europa. Ao comparar os genomas com os das cepas do início das epidemias, notaram uma mudança significativa: as amostras das bactérias coletadas 100 anos depois dos surtos possuíam menos cópias de um gene conhecido como “pla”. Ele é responsável pela produção de uma enzima que auxilia a bactéria a se espalhar agressivamente pelo corpo do hospedeiro. Em testes com roedores, foi confirmado que as cepas com menos cópias do gene “pla” apresentaram uma letalidade reduzida, com uma taxa de sobrevivência de 10% a 20% maior para os infectados. Além disso, a doença demorava, em média, dois dias a mais para levar o hospedeiro à morte.

Essa adaptação representa uma vantagem evolutiva. No início dos surtos, a doença matava seus hospedeiros, humanos e ratos, de forma muito rápida. Com a diminuição das populações de roedores, uma cepa menos letal se tornou mais eficiente para a transmissão, pois mantinha os animais vivos por mais tempo. Juntos, os estudos demonstram a notável capacidade de adaptação da *Yersinia pestis*. “A evolução às vezes pode ser ‘preguiçosa’. As ferramentas genéticas que ajudaram a *Y. pestis* a prosperar por mais de dois mil anos em toda a Eurásia podem ser reutilizadas”, afirmou Light-Maka. As descobertas reforçam a hipótese de que a maioria das doenças humanas modernas surgiu nos últimos dez mil anos, após a domesticação de animais, e oferecem novas perspectivas para a compreensão da evolução de patógenos. ■



*William Bonner:
29 anos na bancada
do principal
telejornal do país*

Boa noite, Bonner

Planejada por cinco anos, a saída do apresentador do Jornal Nacional foi anunciada ao vivo. Seu sucessor no posto, a partir de novembro, será César Tralli

A partir de 3 de novembro, o Brasil terá de se acostumar com a ausência de William Bonner da bancada do Jornal Nacional, o principal telejornal do país. Após 29 anos como apresentador e 26 como editor-chefe, ele se despedirá do programa para só voltar para a telinha em 2026 em nova função na emissora: Bonner será companheiro de Sandra Annenberg no Globo Repórter.

O anúncio foi feito ao vivo por Bonner, em tom absolutamente pessoal – algo incomum –, no dia em que o JN completou 56 anos, na segunda-feira, 1º. “É muito estranho falar de mim no Jornal Nacional”, disse. Publicitário de formação, o âncora revelou que a decisão de mudar de atividade já tem cinco anos. “Ela surgiu num momento em que muita gente também repensou a vida profissional, quando a pandemia estava no auge”, contou.

Bonner declarou que, naquela época, um de seus três filhos com a jornalista Fátima Bernardes (com quem dividiu a

bancada do JN por 13 anos), estava de mudança para estudar em outro país. “Sentia que nos meus dias só cabiam as coisas que eu precisava fazer, mas ficavam de fora coisas que eu gostaria de fazer, a conta não tava fechado”, admitiu. Mas para isso seria necessário um movimento que não era possível naquele momento, como afirmou.

Era preciso também estabelecer um processo sucessório. Cinco anos depois – e com mais outro filho morando e trabalho no exterior –, Bonner, enfim, pode anunciar quem ocupará seu posto na bancada e passará a comandar o programa ao lado de Renata Vasconcellos: César Tralli. Ele deixará o Jornal Hoje que, por sua vez, será apresentado por Roberto Kovalick, que está atualmente no Hora Um, para onde irá Tiago Scheuer.

Segundo Bonner, o Globo Repórter é o único programa jornalístico que não apresentou na Globo desde que ingressou na emissora, em 1986. Natural de Ribeirão Preto, interior de São Paulo,

ele começou sua carreira como redator publicitário. Depois, tornou-se locutor de rádio. Sua trajetória na TV começou pela Bandeirantes. De lá, foi convidado para atuar na Globo, onde teve rápida ascensão, passando por SPTV, Fantástico e Jornal da Globo.

Na bancada do Jornal Hoje fez dupla com Fátima, com quem se casou em 1990. Em 1996, virou âncora do Jornal Nacional. No ano seguinte, ele e Fátima tornaram-se pais dos trigêmeos Laura, Vinícius e Beatriz. A união durou 26 anos, até a separação em 2016. Hoje, Bonner é casado com a fisioterapeuta Natasha Dantas.

Em 2022, superou Cid Moreira (1927-2024) como o âncora mais longevo do Jornal Nacional. Bonner tinha 32 anos quando apresentou pela primeira vez o programa. Tralli chegará à cobiçada bancada com 54 anos. No ano que vem, quando estreiar no Globo Repórter, o jornalista terá 62, mostrando que nunca é tarde para começar em um novo trabalho. ■

A nova czarina da moda

Filha de atriz e de cineasta, Chloe Malle assume o posto de chefe da Vogue ocupado pela poderosa Anna Wintour por mais de três décadas

Um novo capítulo começou a ser escrito nesta semana em uma das mais influentes publicações do mundo da moda. A revista Vogue dos Estados Unidos tem uma nova chefe de conteúdo editorial: Chloe Malle. Ela assume o cargo que foi por mais de 30 anos de Anna Wintour, que se tornou um ícone no universo fashionista. Chloe agora assume todas as frentes editoriais da marca, do impresso ao digital. A transição, no entanto, não representa uma aposentadoria. Wintour permanece como diretora global de conteúdo da Condé Nast – que edita o título –, e Chloe se reportará diretamente a ela.

A escolha de Chloe Malle, filha da atriz Candice Bergen e do cineasta Louis Malle, sinaliza um movimento calculado para equilibrar o legado da revista com as demandas do futuro digital. Sua trajetória na Vogue, onde trabalha desde 2011, é a prova de sua capacidade de navegar entre esses dois mundos. Contratada como editora de redes sociais, Chloe ascendeu na hierarquia assinando reportagens de moda e política, coapresentando o podcast da casa, *The Run-Through*, e atuando como editora colaboradora.

A nomeação foi endossada por Anna. “Quando chegou a hora de escolher alguém para liderar a Vogue americana, sabia que havia uma oportunidade de equilibrar tradição e inovação. Chloe provou que consegue manter a essência da revista enquanto a guia para o futuro”, afirmou em comunicado.

E continuou: “Chloe tem sido, há muito tempo, uma das armas secretas da Vogue no que diz de respeito a acompanhar a moda. Mas ela não está tão imersa na indústria a ponto de perder o mundo de vista: como os melhores designers, ela entende o panorama geral da moda, seu papel em moldar não

apenas o que está na passarela, mas o tecido em constante mudança da vida moderna. Embora não seja estranha ao glamour dos tapetes vermelhos, seu talento reside no pensamento original e no trabalho árduo”.

Anna Wintour inspirou a personagem Miranda Priestly de “O Diabo Veste Prada”, interpretada por Meryl Streep no cinema. O filme se baseia no livro de Lauren Weisberger, que foi assistente da agora ex-toda poderosa da Vogue.

Formada em história pela Brown University, uma das mais prestigiadas dos EUA, parte da Ivy League, Chloe é casada desde 2015 com Graham Albert, que atua no mercado financeiro. A cerimônia foi realizada na casa de sua mãe, na Califórnia. A nova chefe da Vogue tem dois filhos: Arthur, que nasceu em 2018, e Alice, que veio ao mundo em 2022.

Chloe diz estar pronta para o desafio de substituir Anna. “Passei minha carreira na Vogue trabalhando em todas as plataformas, do impresso ao digital, do áudio ao vídeo. A Vogue já moldou quem eu sou, agora estou animada com a perspectiva de moldar a Vogue”, declarou. ■

Chloe é filha da atriz americana Candice Bergen e do diretor francês Louis Malle. Está na Vogue desde 2011



REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM/CHLOE MALLE

Expectativa na reta final

Na retomada da temporada de F1, os olhares se voltam ao australiano Oscar Piastri e à movimentação nas equipes para 2026

A Fórmula 1 retornou de sua pausa de verão com um cenário que leva o público a fazer apostas no primeiro título do australiano Oscar Piastri, da McLaren, que venceu o GP dos Países Baixos no domingo passado, 31. Agora, são 34 pontos de diferença sobre o segundo colocado, seu companheiro de escuderia, o britânico Lando Norris, que abandonou a prova por problemas mecânicos e já declarou que a única coisa que pode fazer é tentar vencer todas as corridas que restam. “Isso vai ser difícil, mas vou me esforçar ao máximo”, disse.

Com nove etapas pela frente, incluindo corridas de sprint, a diferença de pontos pode ser revertida, embora seja um desafio difícil. Consistência, portanto, será um fator crucial para os planos de Norris. A próxima batalha nas pistas será no circuito de Monza, onde será disputado, neste domingo, 7, o GP da Itália.

Mais do que a disputa pelo título entre os dois pilotos da McLaren, as corridas restantes serão um palco para dramas paralelos que definirão o futuro da categoria. A frustração do inglês Lewis Hamilton em sua nova casa, a Ferrari, e a acirrada dança das cadeiras pelos poucos assentos vagos para 2026 prometem uma conclusão de campeonato com múltiplos focos de tensão.

A temporada de estreia de Hamilton na escuderia do “cavallino rampante” tem sido marcada pela frustração. O heptacampeão mundial ainda busca sua primeira vitória pela equipe italiana e tem sido abertamente autocrítico em relação a sua performance.

Para o GP da Itália, a pressão será ainda maior: além de correr diante dos tifosi (torcedores), Hamilton carregará uma punição de cinco posições no grid, dificultando suas chances em um dos palcos mais icônicos do esporte.

O inglês foi penalizado por ter passado a uma velocidade acima do permitido em um setor da pista, antes da entrada

dos boxes, e depois por não ter reduzido o suficiente ao entrar no pit lane. Hamilton, que perdeu dois pontos na classificação geral, ainda pode recorrer. Por sinal, o outro piloto da Ferrari, o monegasco Charles Leclerc, também não completou a prova.

Fora das pistas, o futuro do grid para 2026 esquentou o paddock. O recente anúncio da Cadillac, que estreará na categoria com o finlandês Valtteri Bottas e o mexicano Sergio Pérez, agitou o mercado e reduziu as vagas disponíveis nas escuderias. Restam poucos assentos a serem definidos em equipes como Red Bull – que ainda não confirmou o parceiro do holandês Max Verstappen – Alpine e Racing Bulls. Cada resultado na pista a partir de agora terá peso extra para os pilotos que buscam garantir seu futuro na elite do automobilismo.

Os fãs brasileiros podem comemorar a presença de Gabriel Bortoleto na Sauber na temporada 2026 – ele está confirmado junto com seu companheiro, o alemão Nico Hülkenberg. O piloto tem conquistado elogios entre veteranos, como o tetracampeão Sebastian Vettel, que foi enfático quanto ao futuro do brasileiro no circo da F1: “Ele é muito promissor”. Bortoleto será um dos nomes que vão chamar atenção no GP de São Paulo, em Interlagos, no dia 9 de novembro. ■

*Piastri, da McLaren:
34 pontos à frente do
segundo colocado,
Lando Norris*



NICOLAS TUCAT



Yago manobra em Fiji: título consolidado fenômeno Brazilian Storm

ED SLOANE

Na crista da onda

O paranaense Yago Dora garante o oitavo título mundial de surfe para o Brasil e dedica a conquista a seu pai, que foi seu técnico

O surfe mundial voltou a se curvar ao talento brasileiro. Na noite da segunda-feira, 1º, o paranaense Yago Dora, 29 anos, conquistou o título da Liga Mundial de Surfe (WSL, na sigla em inglês). É o seu primeiro e o oitavo do país no esporte, em 11 anos. Nas ondas de Cloudbreak, em Fiji, “palco” da fase decisiva do circuito, Yago superou o norte-americano Griffin Colapinto por 15,66 a 12,33. O paranaense chegou ao WSL Finals com a vantagem de ser o líder do ranking da chamada temporada regular. Isso lhe garantiu uma vaga direta na bateria final, enquanto seus quatro concorrentes se enfrentaram em um sistema eliminatório. Yago assistiu da praia Colapinto despachar o brasileiro Italo Ferreira, campeão mundial em 2019 – o potiguar terminou em quarto lugar. Em seguida, o norte-americano bateu o sul-africano Jordy Smith.

Na água, a superioridade de Yago sobre seu adversário foi nítida. O brasileiro

abriu a disputa com uma nota 7,33 e, em sua quarta onda, cravou um 8,33, a maior da final, deixando Colapinto em uma situação de difícil reversão. Com calma e precisão, o brasileiro administrou a vantagem até o soar da buzina. Nascido em Curitiba, Yago mudou com sua família para Florianópolis (SC), onde foi forjado como surfista a partir dos 11 anos sob orientação de seu pai, Leandro Dora, que foi também seu técnico. Leandro, apelidado de Grilo, é um respeitado treinador que já trabalhou com outros grandes nomes do circuito. Neste ano, pai e filho não trabalharam juntos. Mas o atual campeão dedicou a vitória a seu mentor.

O talento de Yago despontou para o mundo em 2017, quando, como convidado na etapa brasileira em Saquarema (RJ), eliminou estrelas como Gabriel Medina – dono dos títulos mundiais de 2014, 2018, 2021 – e chegou à semifinal. No ano seguinte, garantiu sua vaga permanente na elite.

O título mundial é a coroação de uma temporada praticamente impecável. Em 2025, Yago demonstrou uma consistência avassaladora. Venceu a etapa de Peniche, em Portugal, em uma final brasileira com Italo, e também foi vitorioso em Trestles, nos Estados Unidos. Além disso, foi vice-campeão em Jeffreys Bay, na África do Sul, e acumulou outras quatro chegadas às quartas de final. Essa regularidade o levou à liderança do ranking e à vantagem decisiva em Fiji.

“É inacreditável. Senti algo especial durante essa semana. Não importava quem eu enfrentaria na final, eu entraria para vencer”, declarou Yago.

Com o título do paranaense, consolidou-se a era da “Brazilian Storm”, expressão que descreve a geração de surfistas brasileiros que passou a dominar o WSL. Além de Gabriel Medina e Italo Ferreira, foram campeões Adriano de Souza, o Mineirinho, em 2015, e Filipe Toledo, em 2022 e 2023. ■

O adeus a “Il Signor”

Giorgio Armani, maestro da elegância, morre aos 91 anos; o estilista revolucionou a alfaiataria e criou um negócio que hoje enfrenta o desafio da sucessão

Um dos grandes nomes da moda, Giorgio Armani morreu na quinta-feira, 4, em Milão, cidade onde construiu seu império de elegância e sofisticação. O Grupo Giorgio Armani, que hoje reúne sete empresas de lifestyle e artigos de luxo, comunicou a morte de seu fundador dizendo que “Il Signor Armani”, como era conhecido, “faleceu serenamente”. O estilista italiano, que revolucionou a alfaiataria masculina, estava com 91 anos. “Incansável até o fim”, Armani trabalhou até seus últimos dias, informou o grupo.

Desde a fundação da maison Giorgi Armani, em 1975, em Milão, o estilista transformou seu nome em sinônimo de elegância atemporal, criando um estilo minimalista e sofisticado que atravessou décadas sem perder relevância. Quando abriu sua casa, Armani decidiu desconstruir o terno masculino: removeu forros e ombreiras, trocou tecidos pesados por materiais fluidos e criou o paletó desestruturado. O resultado foi uma silhueta elegante, confortável, imortalizada no cinema por Richard Gere em “Gigolô Americano” (1980). O mesmo estilo foi posteriormente adaptado para o guarda-roupa feminino.

Com o tempo, Armani expandiu sua visão para além das passarelas. Foi um dos pioneiros na transformação de uma grife em uma marca de estilo de vida, lançando perfumes, óculos, móveis e até linhas voltadas para hotelaria. O grupo é constituído por empresas como Armani Privé (alta-costura), Giorgio Armani (linha principal de



Armani fundou seu império em 1975, em Milão. Ele expandiu sua visão criativa para além das passarelas

prêt-à-porter), Emporio Armani (prêt-à-porter jovem e urbano), Armani Exchange (roupas de apelo mais casual), Armani Casa, Armani Beauty (em parceria com a L'Oréal), e Armani Hotels & Resorts. Em 2024, a companhia registrou faturamento de aproximadamente US\$ 2,7 bilhões, queda de 5% em relação ao ano anterior, reflexo da desaceleração do setor de luxo.

Armani sempre privilegiou a independência, recusando propostas de aquisição feitas por grandes conglomerados de moda e produtos de luxo. Em 2016, estruturou uma fundação para preservar a autonomia do grupo. Com sua morte, a sucessão se torna um desafio. O estilista teria deixado um registro em que o comando do grupo envolveria sua irmã Rosanna, as sobrinhas Silvana e Roberta e o sobrinho Andrea Camerana. Em recente entrevista para o jornal Financial Times, ele mencionou familiares como seus sucessores e o estilista Leo Dell'Orco, seu braço-direito. A divisão buscava garantir continuidade e respeito à filosofia criativa que consolidou a marca.

Em julho, nas semanas de moda de Paris e Milão, Armani foi o grande ausente. Foi a primeira vez que perdeu um de seus desfiles. Dias depois, em seu aniversário, ele explicou que teve um problema de saúde, mas disse que estaria de volta em setembro.

Seu perfil nas redes, como despedida de Armani, traz a mensagem: “A marca que espero deixar é a do compromisso, do respeito e do cuidado genuíno pelas pessoas e pela realidade. É aí que tudo realmente começa”. ■

Vale tudo por uma mesa

Ranking revela os desafios de marcar jantar nos restaurantes mais exclusivos do mundo



Disfrutar e seu pesto multiesférico com enguia e pistache: um ano de espera se alguém quiser prová-lo

cada local, considerando estrelas Michelin, menu degustação aclamado e até modelos de negócio que se assemelham a clubes privados. Para agrupar os dados, cada integrante tem um tempo estimado de espera. No caso do índice, quanto maior o número, mais seletivo é o jantar.

No topo do pódio, está o The Lost Kitchen, no estado do Maine (EUA). Longe dos grandes centros urbanos, ele cativa por seu cardápio que muda diariamente, baseado em ingredientes frescos do dia. Destaca-se seu sistema de reservas: para ter uma chance, os interessados devem enviar um cartão-postal manifestando seu desejo. Apenas alguns sortudos são contatados.

Em segundo, está o Rao's, em Manhattan. Tem a atmosfera de um clube particular e o acesso é restrito a associados. Cada refeição remete aos "jantares de domingo em família".

Dono de três estrelas Michelin, o Disfrutar, em Barcelona, é o terceiro. Faz uma ode à criatividade com seus pratos com frutos do mar, em que a combinação de cores, texturas e formas eleva a culinária a uma forma de expressão artística. A espera é de um ano.

Em quarto, está o House Of Prime Rib, em São Francisco (EUA), que também exige agendamento de 365 dias. O El Celler de Can Roca, de Girona (Espanha), completa o top 5. Para jantar lá, reserve com 330 dias de antecedência. A lista completa tem restaurantes no Reino Unido, na Dinamarca e Itália. Da América Latina, há dois lugares no México: o Pujol e o Mesa 1. ■

O ranking

Confira os restaurantes mais difíceis de reservar:

Restaurante	Dias de espera
The Lost Kitchen (EUA)	Requer envio de cartão-postal
Rao's (EUA)	Exclusivo para membros
Disfrutar (Espanha)	365
House Of Prime Rib (EUA)	365
El Celler de Can Roca (Espanha)	330
The Bank Tavern (Reino Unido)	365
Pujol (México)	180
Damon Baehrel (EUA)	365
Noma (Dinamarca)	90
La Mercerie (França)	180
Mugaritz (Espanha)	180
The Inn at Little Washington (EUA)	180
Firedoor (Austrália)	180
Osteria Francescana (Itália)	90
De Librije (Holanda)	180
Mesa 1 (México)	180
Nina (Reino Unido)	180
Tsuke Edomae (EUA)	180
Orso (EUA)	180
Cafe Lafayette Dinner Train (EUA)	180

Em um cenário em que a gastronomia se eleva ao status de arte, conseguir uma mesa nos restaurantes mais badalados do mundo é uma verdadeira saga. A exclusividade é o prato principal. Um relatório recente da Dojo, empresa de tecnologia com soluções para gestão de negócios, lançou luz sobre este fenômeno, listando os 20 estabelecimentos com os sistemas de reserva mais difíceis do planeta. Alguns lugares exigem espera de um ano. O levantamento da Dojo atribui um índice de seletividade (de 0 a 100) para



A Ferrari Daytona SP3 pertence à uma série de produção limitadíssima

O supercarro de US\$ 26 milhões

Ferrari Daytona SP3 bate o recorde de veículos modernos arrematados em leilão e entra para o seleto grupo dos automóveis mais valorizados de todos os tempos

O universo dos colecionadores de automóveis de luxo testemunhou um recorde de valores em agosto. A renomada casa RM Sotheby's promoveu um leilão exclusivo na Califórnia em que foi arrematada uma Ferrari Daytona SP3 por impressionantes US\$ 26 milhões, o equivalente a R\$ 142 milhões. O valor estabeleceu um novo patamar para um carro moderno, e também serviu para realçar a distância que o separa das joias da coroa desse ranking, dominado por modelos das décadas de 1950 e 1960.

O motivo do valor exorbitante da Ferrari Daytona SP3, parte de uma série lançada em 2021, reside em sua exclusividade. O modelo pertence à seleta "Icona Series", uma grife da montadora italiana que cria veículos de produção limitadíssima, inspirados em carros de corrida históricos. Após vender as

599 unidades planejadas, a montadora produziu um exemplar extra, em configuração única, especificamente para o leilão. Equipado com um motor V12 de 840 cavalos, o modelo é uma homenagem moderna a uma era dourada, mas seu valor ainda não compete com as lendas originais.

A Ferrari de US\$ 26 milhões ocupa apenas a 13ª posição na lista dos carros mais caros já vendidos em leilão. O topo do pódio desses automóveis pertence a Mercedes-Benz 300 SLR Uhlenhaut Coupé de 1955, vendido por US\$ 142 milhões, em 2022. Com apenas duas unidades fabricadas na história, o modelo é considerado uma obra-prima da engenharia e do design.

Logo abaixo, há uma constelação de Ferraris, como as diversas variações da 250 GTO, e outros Mercedes de corrida, cujos valores superaram US\$ 30 mi-

lhões. Para estes clássicos, o valor não está apenas na mecânica, mas na raridade e no pedigree das pistas.

No leilão RM Sotheby's, outro carro chamou atenção: uma Ferrari F50 de 1995, que pertenceu ao estilista Ralph Lauren. Ela foi vendida por US\$ 9,24 milhões. O valor estabeleceu um novo recorde para esse modelo.

A valorização se explica pela combinação de fatores que fascinam os colecionadores. Além de ter um proprietário famoso, o carro era um de apenas dois exemplares pintados na cor amarela (Giallo Modena) para o mercado americano e possuía baixíssima quilometragem. A história do carro, desde sua saída da fábrica até as mãos de um dos homens mais elegantes do mundo, adicionou um valor intangível, provando que, neste mercado, a biografia de um automóvel é tão importante quanto sua engenharia. ■

A maratona musical está de volta

Com palcos reposicionados e atrações como Katy Perry, Green Day, Ludmilla e Travis Scott, a segunda edição do festival The Town ocupa o Autódromo de Interlagos

São Paulo se prepara para a segunda edição do The Town, evento da Rock World – a mesma do Rock in Rio – que procura consolidar sua posição no calendário de shows do país. A partir deste sábado, 6, o Autódromo de Interlagos volta a ser a Cidade da Música para receber uma maratona de mais de 100 apresentações divididas em cinco dias. A expectativa de público é de 500 mil pessoas (100 mil por dia) e ainda há ingressos à venda.



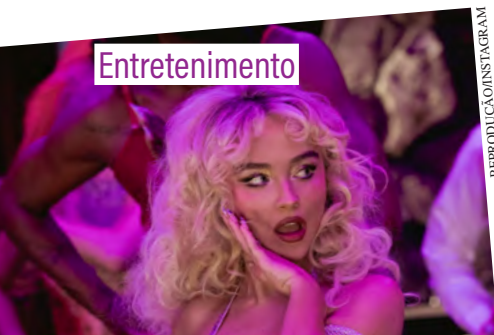
REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

O festival, que acontece também nos dias 7, 12, 13 e 14, promete uma edição mais organizada, com base nas lições da edição de estreia, em 2023, aprimorando sua estrutura com palcos reposicionados para melhorar o fluxo. A Rock World investiu ainda forte em mobilidade. Outra novidade foi ter aberto um palco para dar mais visibilidade para a cultura nacional.

Travis Scott é o grande nome do palco Skyline no primeiro dia do festival



DIVULGAÇÃO



Lollapalooza anuncia line-up de 2026

Enquanto as atenções da capital paulista se voltam para a maratona de shows do The Town, outro gigante do calendário de festivais da cidade anunciou o line-up de suas atrações do ano que vem. Na semana passada, o Lollapalooza Brasil revelou a escalafão de sua 13ª edição, agendada para os dias 20, 21 e 22 de março, também em Interlagos.

A lista de atrações é encabeçada por um misto de fenômenos atuais do pop e nomes consagrados de diferentes gêneros. A cantora Sabrina Carpenter, que esteve no país em 2023 na abertura dos shows de Taylor Swift, retorna mais uma vez, agora com o status de atração principal, refletindo sua ascensão global. Outro destaque é a estreia no Brasil de Chappell Roan, cantora norte-americana que vem se destacando no cenário internacional. A programação ainda conta com o retorno da neozelandesa Lorde e a aguardada apresentação solo do rapper Tyler, The Creator, que havia cancelado sua participação no festival em 2018.

Completam a lista de headliners a banda de rock Deftones, que faz sua sexta passagem pelo Brasil, mas a primeira no Lollapalooza, e o produtor e DJ Skrillex, um veterano do festival desde sua edição inaugural em 2012. O anúncio confirmou um total de 72 atrações, das quais 33 são internacionais, incluindo o grupo de k-pop Katseye e a cantora inglesa Lola Young.

Entre os artistas nacionais estão nomes como Edson Gomes, a banda pernambucana Mundo Livre S/A, Agnes Nunes, Negra Li e Scalene. A venda de ingressos para o evento, que na última edição reuniu mais de 240 mil pessoas, já foi iniciada, sinalizando a acirrada disputa pela atenção e pelo investimento do público fã de grandes festivais.

Sabrina Carpenter é uma das principais atrações do Lolla

A programação dos palcos principais, Skyline e The One, equilibra lendas da música e potências contemporâneas. A jornada começa neste sábado com a intensidade do rapper norte-americano Travis Scott e a sofisticação de Lauryn Hill – isso falando apenas dos headliners. O domingo, 7, será dominado pela energia do punk rock com Green Day, enquanto o palco The One recebe o icônico Iggy Pop.

Após uma pausa, o festival retorna na sexta-feira, 12, com a nostalgia pop dos Backstreet Boys e a força de Luísa Sonza. O sábado, 13, será uma noite de clássicos, com as aguardadas apresentações de Mariah Carey e Lionel Richie. O encerramento, no domingo, 14, ficará a cargo do espetáculo visual de Katy Perry e da presença de palco de Ludmilla.

Em relação à ocupação do espaço, os palcos The One e Skyline foram distanciados, resolvendo um dos principais gargalos de circulação do público. Além disso, o The One foi movido para uma área mais elevada, permitindo visibilidade a partir de áreas adjacentes.

A grande novidade desta edição é a criação do palco Quebrada, dedicado a celebrar a cultura das periferias brasileiras, com nomes como Criolo, MC Hariel, Tasha & Tracie e Kayblack, unindo música, dança e grafite em tempo real.

Operação logística reativa estação dos anos 50

A mobilidade, ponto sensível para eventos em Interlagos, recebeu atenção especial. Além da operação 24 horas do sistema de trens na estação Autódromo (Linha 9-Esmeralda), a grande aposta para esta edição é a reativação temporária da estação Cidade Dutra. Desativada desde a década de 1990, a parada foi revitalizada com um investimento superior a R\$ 1 milhão pela ViaMobilidade para funcionar exclusivamente como ponto de desembarque do Trem Expresso The Town.

O serviço especial, com bilhetes a R\$ 35 (ida e volta), oferecerá rotas parin-

do das estações Barueri, Pinheiros e Morumbi-Claro, com desembarque a apenas 500 metros de um dos portões do autódromo. A operação regular da Linha 9-Esmeralda continuará normalmente pela Estação Autódromo. Completam as opções de transporte o Ônibus The Town Express (R\$ 40), com saída de cinco terminais, e o serviço premium The Town Primeira Classe, com embarque dentro do festival.

Para garantir o conforto durante a maratona, o público poderá alugar armários (lockers) por valores entre R\$ 45 e R\$ 65. Na alimentação, além do espaço gastronômico Market Square, comandado pelo chef Henrique Fogaça, será permitida a entrada de até cinco itens por pessoa, como alimentos industrializados lacrados e frutas cortadas. ■

Katy Perry encerra a maratona no domingo, 14



Clássicos rejuvenescidos

Sucessos do cinema nacional como “Dona Flor e Seus Dois Maridos” e “A Marvada Carne” retornam remasterizados às salas de exibição

Um dos maiores sucessos da história do cinema nacional retorna às telonas: “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), protagonizado por Sônia Braga, José Wilker e Mauro Mendonça. O filme volta aos cinemas brasileiros em cópia remasterizada em 4k. A produção repete os passos de outros clássicos que retornaram às salas recentemente, como “A Marvada Carne” e “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”. A exibição de “Dona Flor” acontece de 11 a 17 de setembro, em diversas salas no Brasil, em parceria entre a distribuidora Cinecolor e a produtora LC Barreto. A rede Cineflix, em São Paulo, está na lista das exibidoras.

Dirigido por Bruno Barreto, o filme é baseado no livro homônimo de Jorge Amado e conta a história de dona Flor, professora de culinária em Salvador que, após a morte do marido Vadinho, casa-se novamente com o farmacêutico Teodoro. No entanto, a inesperada aparição do espírito do primeiro marido faz com que Flor viva dividida entre a razão e a paixão. O longa é um dos maiores recordistas de bilheteria do cinema nacional.

Além de “Dona Flor”, outras produções da LC Barreto retornarão às telonas nas próximas semanas em sessões especiais e por tempo limitado, oferecendo ao público a chance de rever ou conhecer esses clássicos.

“Trazer de volta obras como Dona Flor e Seus Dois Maridos é não apenas um resgate histórico, mas também uma celebração da memória do cinema brasileiro”, disse Fabíola Cherice Venerando, marketing da Cinecolor Brasil.

Estrelado por Mauro Mendonça, Sônia Braga e José Wilker, o longa será exibido a partir do dia 11



DIVULGAÇÃO

“A Marvada Carne”

A atriz Fernanda Torres anunciou nas redes sociais a volta “da fábula caipira mais amada do cinema” a salas de sete cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Brasília, Macaé, Vitória e Aracaju): “A Marvada Carne”. Remasterizado, o filme voltou à telona na semana passada, 40 anos depois de seu lançamento. O diretor do longa, André Klotzel, escreveu no Instagram: “Se você já se emocionou com esse filme lá atrás, agora é hora de rever essa sensação de nostalgia”.

“A Marvada Carne” conquistou 12 prêmios no Festival de Gramado, em 1985. Entre eles, os de Melhor Filme, Diretor, Atriz, Roteiro, Fotografia e Música Original. Foi o maior destaque da tradicional premiação na época.

Na trama, Nho Quim (interpretado por Adilson Barros) leva uma “vidinha besta” no mato, na companhia de um cão e de uma cabra. Ele tem duas questões que o incomodam: encontrar al-

guém para casar e comer carne de boi. Em suas andanças, ele conhece a filha de Nhô Totô (Dionísio Azevedo), Carula (Fernanda), uma jovem que está em conflito com Santo Antônio pois quer arranjar um bom marido. Nhô Quim descobre que o pai da moça tem um boi reservado para o casamento da filha. O relançamento é a concretização de um projeto acalentado por anos pelo produtor Cláudio Kahns, o que foi conseguido com o apoio do Canal Brasil e de outros parceiros. A última matriz do filme datava de 1999.

Recentemente, “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil”, uma crítica bem-humorada à formação do Brasil, que completou 30 anos em 2025, também teve exibição nos cinemas, em cópia remasterizada em 4k. Dirigido por Carla Camuratti, o filme é protagonizado por Marieta Severo, que vive Carlota Joaquina, e conta ainda com Marco Nanini, Marcos Palmeira e Vera Holtz no elenco. ■

Filmes e séries

Terror e "Casamento às Cegas – Brasil"

Confira as estreias da semana, como "Invocação do Mal 4" no cinema, o reality de casais da Netflix e Spike Lee no Apple TV+. A partir do dia 4

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

▶ "Invocação do Mal 4: O Último Ritual"

Capítulo final da saga dos investigadores paranormais Ed e Lorraine Warren (interpretados por Patrick Wilson e Vera Farmiga). Eles enfrentam sua missão mais aterrorizante.

▶ "A Vida de Chuck"

Adaptação de conto de Stephen King. Um homem (Tom Hiddleston) vive sua vida de trás para frente, começando com sua morte aos 39 anos.

▶ "O Retorno"

Odiseu (Ralph Fiennes) retorna da guerra após 20 anos e precisa lutar para recuperar seu reino, seu lar e sua esposa, Penélope (Juliette Binoche). Adaptação da última parte da "Odisseia".

▶ "O Rei da Feira"

Comédia com toque paranormal. Um segurança com dons de mediunidade (Leandro Hassum) investiga o assassinato de um amigo, ajudado pelo espírito da vítima.

▶ "O Pior Homem de Londres"

Conta a história do enigmático Charles Augustus Howell, um mestre das chantagens que teria inspirado Arthur Conan Doyle a criar um personagem charlatão nos livros de Sherlock Holmes

Destaques do streaming

▶ "Casamento às Cegas: Brasil - Nunca é Tarde"

O reality chega à quinta temporada. Desta vez, o grupo de solteiros é composto por pessoas com mais de 50 anos. Estreia no dia 10. Netflix

▶ "Luta de Classes"

Filme de Spike Lee com Denzel Washington. Conta a história de um casal de intelectuais de esquerda que testa seus ideais ao decidir se matriculam o filho na escola pública de seu novo bairro de classe trabalhadora. Estreia no dia 5. Apple TV+

▶ "A Namorada Ideal"

Série de suspense psicológico com estreia no dia 10. Laura (Robin Wright) tem carreira e vida brilhantes e começa a desconfiar de que Cherry (Olivia Cooke), a namorada de seu filho, não é exatamente quem diz ser. Prime Video

▶ "Task"

Mark Ruffalo é líder de uma força-tarefa de elite que recebe a missão de derrubar um poderoso e intocável chefe do crime. A série estreia dia 7. HBO Max

▶ "Karatê Kid: Lendas"

O filme da franquia mostra um adolescente chinês que busca seu caminho com a ajuda de um exigente mestre das artes marciais. Com Jackie Chan, Ralph Macchio e Ben Wang. Estreia no dia 5. HBO Max

Mestre da crônica e do humor

O escritor Luis Fernando Verissimo deixa um legado múltiplo e uma galeria de personagens inesquecíveis como Ed Mort, Analista de Bagé e A Velhinha de Taubaté

O Brasil perdeu no sábado, 30, um de seus maiores cronistas. O escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo morreu aos 88 anos, em Porto Alegre (RS), em decorrência de complicações de uma pneumonia. Dono de um texto marcado pelo humor e com reviravoltas carregadas de ironias da vida, Verissimo publicou cerca de 80 livros e vendeu mais de cinco milhões de exemplares ao longo de uma carreira que o transformou em uma das raras unanimidades positivas do País. Filho do celebrado escritor Erico Verissimo (“O tempo e o vento” e “Incidente em Antares”, entre outras obras), ele nasceu em Porto Alegre em 26 de setembro de 1936. Parte de sua infância e adolescência foi vivida nos Estados Unidos, para onde a família se mudou em duas ocasiões para acompanhar o trabalho do pai. Essa experiência o alfabetizou em inglês e lhe proporcionou uma vasta cultura, incluindo uma paixão que o acompanharia por toda a vida: o jazz.

Apesar da herança literária, Verissimo só começou a escrever aos 30 anos. Chegou a trabalhar com publicidade e, depois, entrou para o jornalismo, contratado pelo jornal Zero Hora. Foi no diário gaúcho que, em 19 de abril de 1969, publicou sua primeira crônica, “Entrando em Campo”, sobre o Internacional, seu time do coração. Era o início de uma trajetória que o consagraria como mestre do gênero. Em 1973, lançou o livro “O Popular”, uma coletânea de textos publicados na imprensa. O sucesso nacional, contudo, viria com personagens que se tornaram parte do imaginário brasileiro.



Verissimo publicou cerca de 80 livros e vendeu mais de cinco milhões de exemplares. Um de seus personagens, o analista de Bagé, foi criado para Jô Soares

Em 1979, “Ed Mort e Outras Histórias” apresentou ao público um detetive particular que era uma sátira aos romances policiais americanos. O personagem migrou para os quadrinhos, com traços de Miguel Paiva, e para o cinema, com Paulo Betti no papel principal. Em 1981, “O Analista de Bagé” se tornou um fenômeno de vendas. Criado originalmente para um programa de humor de Jô Soares, o personagem é um psicanalista de formação freudiana ortodoxa que não abria mão dos costumes da fronteira gaúcha. O contraste entre a sofisticação da psicanálise e a “grossura” caricatural do pampa con-

quistou o Brasil. Outra criação notável foi “A Velhinha de Taubaté”, de 1983, destacando-se como uma crítica sutil e bem-humorada aos anos finais da ditadura militar. A velhinha era descrita como “a única pessoa que ainda acredita no governo”. A obra de Verissimo foi amplamente adaptada para outras mídias. Com “Comédias da Vida Privada”, as histórias de Verissimo ganharam a TV, virando série na TV Globo entre 1995 e 1997, com roteiros de Jorge Furtado e direção de Guel Arraes. A produção levou suas crônicas sobre as relações e costumes da classe média a um público massivo. Atuou ainda como redator em programas de humor icônicos, como o “TV Pirata”.

Ele também desenhava e teve tirinhas na imprensa. Entre seus personagens famosos no universo da HQ estão “As Co-bras” e “A Família Brasil”.

Além de escritor e cartunista, Verissimo era um músico apaixonado. Saxofonista, ele integrou o grupo Jazz 6, com o qual chegou a lançar cinco álbuns, entre eles “Agora é Hora” (1998) e “A Bossa do Jazz” (2003). A música era mais do que um hobby; era uma faceta essencial de sua identidade artística, um contraponto à sua notória e assumida timidez. Nos últimos anos, o escritor vinha enfrentado diversos problemas de saúde. Em 2016, implantou um marcapasso. Em 2021, teve diagnóstico de Parkinson e sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC), que o afastou da produção de suas crônicas semanais. Verissimo era casado desde 1964 com a carioca Lúcia Helena Massa, com quem tem três filhos: Fernanda, Mariana e Pedro. ■

Criador de revistas e desbravador do jornalismo

Com uma trajetória de mais de 60 anos na imprensa, o jornalista ítalo-brasileiro Mino Carta participou da fundação e comandou títulos como Quatro Rodas, Veja, CartaCapital e a própria IstoÉ, onde foi diretor-fundador

Morreu na terça-feira, 2, em São Paulo, o jornalista Mino Carta, aos 91 anos. Um dos nomes mais influentes da imprensa brasileira nas últimas seis décadas, ele foi um dos fundadores da revista IstoÉ. Esteve à frente da criação de outros títulos importantes do país, como Veja e CartaCapital, onde era diretor de redação. Mino Carta lutava contra problemas de saúde há um ano, com constantes passagens em hospital, informou a CartaCapital. Ele estava havia duas semanas na UTI do Sírrio-Libanês.

Nascido em Gênova, na Itália, Carta chegou ao Brasil aos 13 anos, após a Segunda Guerra Mundial. Seu avô, Luigi Becherucci, foi diretor de um jornal genovês e perdeu o cargo com a ascensão do regime fascista. Coursou direito na Universidade de São Paulo, mas não concluiu a graduação. Retornou à Itália em 1956 e lá trabalhou na Gazzetta del Popolo, de Turim. Voltou ao Brasil na década seguinte e iniciou a carreira no jornalismo brasileiro, em 1960, na revista Quatro Rodas, da Editora Abril. Tinha 27 anos. Carta gostava de contar, assumiu o comando da publicação sem sequer saber dirigir um carro. Em seguida, foi convidado pelo Estadão a assumir a edição do caderno de esportes. Posteriormente, esteve na equipe de fundadores do Jornal da Tarde (do mesmo grupo), em 1966. Em 1979, fundou outro veículo, o Jornal da República. Ao retornar à Abril, liderou



RICARDO STUCKERT

Nascido em Gênova, Mino Carta desembarcou no Brasil aos 13 anos. Chegou a cursar direito, mas seguiu os passos da família no jornalismo

a fundação da Veja, em 1968. Carta deixou a revista e, em 1976, associou-se a Domingo Alzugaray, Fabrizio Fasano e Luiz Carta para um novo desafio: a criação da IstoÉ, um título mensal que depois se tornou semanal. Foi o primeiro diretor de redação da revista, na qual trabalhou até 1981. Sob seu comando, a IstoÉ se notabilizou por desafiar as brechas da censura imposta pelo regime militar. Foi nas páginas da revista, em 1978, que o então líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva concedeu sua primeira entrevista

a um veículo de circulação nacional, um marco no debate público da época.

Carta retornaria à direção da IstoÉ entre 1988 e 1993, um período turbulento e decisivo para a política nacional. Foi sob sua liderança que a revista publicou a reportagem de capa com a denúncia do motorista Eriberto França, que expôs o esquema de corrupção do empresário Paulo César Farias, o PC, o que culminou no impeachment do então presidente Fernando Collor. Em agosto de 1994, lançou a CartaCapital, primeiro como um título mensal. Em 1996, a periodicidade mudou para quinzenal. E em 2001 a revista passou a circular semanalmente.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a morte do jornalista, a quem chamou de amigo. “Mino foi – e sempre será – uma referência para o jornalismo brasileiro por sua coragem, espírito crítico e compromisso com um país justo

e igualitário para todos os brasileiros e brasileiras. Se hoje vivemos em uma democracia sólida, se hoje nossas instituições conseguem vencer as ameaças autoritárias, muito disso se deve ao trabalho deste verdadeiro humanista, das publicações que dirigiu e dos profissionais que ele formou”, declarou Lula.

Mino Carta deixa a filha Manuela Carta, publisher da CartaCapital. Ele foi pai de Gianni Carta, jornalista morto em 2019. E foi casado com Maria Angélica Pressoto, que morreu em 1996. ■

Julgamento no STF e boné roubado

O ministro Alexandre de Moraes, o historiador Jones Manoel, o ator Danton Mello, a influenciadora Nathalia Arcuri e o marmanjo que surrupiou o boné de uma criança animaram os seguidores de IstoÉ nas redes sociais

"Não sou petista nem lulista"

O historiador pernambucano Jones Manoel é dono de um dos perfis políticos que mais cresce nas redes. Filiado ao coletivo PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), ele disse para IstoÉ que deseja concorrer à presidência em 2026.



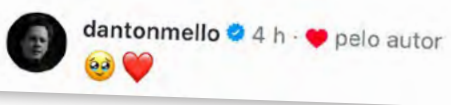
Garoto do momento

Danton Mello foi o convidado do "IstoÉ Gente Como a Gente" desta semana. O ator, que fez sucesso neste ano com o rabugento Raimundo em "Garota do Momento", da TV Globo, falou sobre espiritualidade e se emocionou ao fazer uma visita ao passado. Feliz com sua trajetória, ele destacou que não mudaria nada em sua vida. Seu irmão, Selton Mello, também curtiu o papo.



Para ser milionário, disciplina

De acordo com a educadora financeira Nathalia Arcuri, um dos maiores erros que alguém pode cometer é não investir e, principalmente, não ter constância nos investimentos. Para ela, muitas pessoas não se tornam milionárias por falta de conhecimento e disciplina financeira.



FOTOS REPRODUÇÃO

"Organização criminosa"

No primeiro dia do julgamento de Jair Bolsonaro e outros sete réus por suposta tentativa de golpe de Estado, o ministro Alexandre de Moraes afirmou que uma "verdadeira organização criminosa" tentou coagir os magistrados para evitar que os acusados fossem punidos.

"Essa coação e essa tentativa de obstrução não afetarão a imparcialidade e a independência dos juízes deste Supremo", afirmou.

O CEO que tomou boné de criança

Piotr Szczerek, dono e CEO de uma empresa polonesa de paisagismo, ficou famoso de maneira negativa: ele tomou o boné de um garoto que iria receber o acessório do tenista polonês Kamil Majchrzak. A cena ocorreu no US Open, em NY. Criticado, ele pediu desculpas na página da companhia.



Palavra por palavra



PABLO JACOB GOVERNO DO ESTADO DE SP

"Não sou partidário, não pertencem ao PL ou sou bolsominion. Sou livre para apoiar ou criticar Bolsonaro, criticar Lula e, se ver alguma virtude nele, falar, sem nenhum problema. É minha liberdade, da qual não abro mão"
Silas Malafaia, em entrevista para IstoÉ

"Na hora. Primeiro ato. Porque eu acho que tudo isso que está acontecendo é absolutamente desarrastado"

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, avisando que dará indulto a Jair Bolsonaro se for eleito presidente

"Vossa senhoria sabe a distinção entre processo eleitoral auditável e voto impresso. Repetiu como se fosse sinônimo, e não é, porque o processo eleitoral é amplamente auditável no Brasil, passamos por auditoria"

Cármem Lúcia, ministra do STF, para o advogado Paulo Renato Garcia Cintra Pinto, que defende Alexandre Ramagem, ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin)



MAURO PIMENTEL



GUSTAVO MORENO/STF



JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

"O Brasil não pode figurar entre as dez maiores economias do mundo e, ao mesmo tempo, estar entre as piores economias do ponto de vista de distribuição de renda"

Fernando Haddad, na apresentação do estudo "Retrato da Desigualdade e dos Tributos pagos no Brasil"

"Sou o tipo de garota que usa jeans, chinelos e regata. Também adoro me arrumar, mas para mim, é um jogo mental... colocar um vestido elegante, passar maquiagem, arrumar todo o cabelo e ir sentar em um salão grande com meus colegas de profissão. Todos estão lá para celebrar uns aos outros e se divertir um pouco, mas eu fico nervosa"

Jennifer Aniston, para a Glamour, explicando a razão de não gostar de tapetes vermelhos e eventos como o Met Gala



REPRODUÇÃO

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a black background. The car's outline is highlighted with a bright blue, glowing light effect, particularly around the headlights, grille, and bumper area.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

